



MARISTELA DOS SANTOS LEMOS

CAPELANIA ESCOLAR:

Uma ferramenta de apoio aos desafios dos adolescentes e uma porta de entrada para a igreja junto ao desenvolvimento da comunidade local.

IJUÍ/RS

2018

MARISTELA DOS SANTOS LEMOS

CAPELANIA ESCOLAR:

Uma ferramenta de apoio aos desafios dos adolescentes e uma porta de entrada para a igreja ao desenvolvimento da comunidade local.

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC do curso Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ/RS

2018

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

CAPELANIA ESCOLAR:

Uma ferramenta de apoio aos desafios dos adolescentes e uma porta de entrada para a igreja ao desenvolvimento da comunidade local.

Autor: **Maristela dos Santos Lemos**

Orientador de Conteúdo: **Me. Josemar Valdir Moddes**

Avaliador de Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Português: **Luciano Gonçalves Soares**

Avaliador Final: **Gabriel G. Lauter**

Aprovada em __/__/__

IJUÍ
2018

RESUMO

O estudo apresenta um conceito sobre a Capelania Escolar e como ela pode servir de ferramenta e apoio aos desafios dos adolescentes imersos em uma sociedade influenciável. Para isso, analisou-se o perfil atual do adolescente brasileiro, as questões que mais o influenciam, tais como o relacionamento com a família e a interação com a escola. No texto, examinou-se o perfil de um capelão e os desígnios que o mesmo deve cumprir para que assim seja eficaz no ministério a ser realizado nas instituições escolares, locais que pedem socorro diante das insurgências diárias do nosso país. A Capelania dentro da escola pode auxiliar e dar suporte ao adolescente, família, corpo docente e demais membros da comunidade local, e isso pode ser vislumbrado na pesquisa abaixo. Sendo assim, por fim, arranjou-se o papel da igreja diante de tal missão urbana, e a relevância que a igreja tem no cumprimento dos mandamentos de Cristo, diante desse mecanismo – Capelania Escolar.

Palavras-chaves: Capelania, Adolescente, Igreja.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I. PERFIL DO ADOLESCENTE BRASILEIRO	9
1.1 Características da adolescência através dos tempos	9
1.2 O adolescente imerso na configuração das novas famílias	13
1.3 Identidade influenciável	16
1.4 Redes sociais	18
1.5 Instabilidade emocional	19
1.6 O adolescente e a escola pública brasileira	22
II. CAPELANIA ESCOLAR	25
2.1 A origem da Capelania	25
2.2 Os segmentos da Capelania	26
2.3 Perfil de um capelão	28
2.4 A Capelania escolar propriamente dita	30
<i>2.4.1 As funções dos capelães escolares</i>	31
<i>2.4.2 Alegrai-vos com os que se alegram (Rm. 12.15)</i>	32
<i>2.4.3 Chorai com os que choram (Rm. 12.15)</i>	33
<i>2.4.4 Um pastor preocupa-se com suas ovelhas (Zc. 11.16)</i>	33
<i>2.4.5 Fazer o bem para não pecar (Tg. 4.17)</i>	33
<i>2.4.6 Ensino produz maturidade (Pv. 22.6)</i>	34
<i>2.4.7 Conselheiros sábios (Pv. 11.14)</i>	34
2.5. Resiliência, empatia e compaixão	34
2.6 Amor e/ou paciência pelo adolescente	35
III. CAPELANIA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA	37
3.1 A individualidade do ser humano na era digital e a urgência da igreja pela busca do sujeito integral	37

3.2 A igreja e a Capelania.....	46
3.3 Sugestões práticas para implantação de Capelania Escolar com o auxílio da igreja local.....	49
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS.....	59

INTRODUÇÃO

O quadro da escola pública no Brasil sofreu mudanças, por vários motivos, e a educação não está tendo o cuidado como deveria. Entre os problemas estão a desvalorização dos professores, a cada dia mais desanimados, e a baixa procura pela profissão, o que assusta. As notícias mostram que o ensino dentro da sala de aula está difícil, com alunos agressivos, desanimados e com baixo rendimento escolar. A pesquisa aqui apresentada terá como foco investigativo o público adolescente na escola atual e seus maiores desafios nessa fase de desenvolvimento do ser humano, e escola e adolescente como pode ser ajudadas através da Capelania Escolar.

Centrando os escritos no desenvolvimento do sujeito na etapa da adolescência, buscar-se-á mostrar, através da Capelania Escolar a importância de uma orientação na escola, e a responsabilidade da igreja no que diz respeito ao social, cuidando desse ser integral na comunidade onde está inserido.

Diante do cenário mundial o ser humano vive em constante mudança, e o adolescente, por estar em construção é inteiramente influenciado por tudo que vê e ouve. Os valores da humanidade se modificaram, as redes sociais são mecanismos que trazem a essa faixa etária motivações e controle sobre sua rotina. Através das mídias comunicativas o ser humano é constantemente informado sobre a falta de acompanhamento da família, além das modificações do conceito de “família” no atual cenário do século XXI. Diante desse momento a escola torna-se preponderante na educação das crianças e adolescentes, transferindo às instituições escolares a educação que deveria ser construída em casa. Adolescentes cheios de traumas, agressivos, confusos, sem referência, buscam algo que os supra. A Capelania, em uma das suas ramificações, tem como objetivo servir de apoio a escola para suprir essas demandas tanto no trabalho individual com o adolescente como em toda a comunidade escolar.

Neste estudo, apresentamos, no primeiro capítulo, um perfil do adolescente brasileiro, dando características através da história, que o identificam e passam a ser reconhecidos atualmente, em seguida são apontados alguns modelos de família, com base no processo jurídico desse tempo. Avançando, expõem-se pontos que são características norteadoras no desenvolvimento da identidade do adolescente, tais como as redes sociais e o impacto que elas podem causar diante da instabilidade emocional desses sujeitos e, por fim, o cenário escolar, onde eles estão inseridos.

No segundo capítulo, a Capelania Escolar é apresentada com sua origem, seus conceitos, objetivos e o perfil do capelão. Investigamos as funções de um capelão, de onde devem vir suas bases e a função de tal sujeito diante desse ministério. Com base na integralidade do ser humano, dá-se visibilidade à importância da Capelania como ferramenta facilitadora no desenvolvimento do adolescente.

Já o terceiro capítulo trará exemplos de como a igreja pode se envolver, abrindo sua visão, trazendo a responsabilidade social para o cerne da igreja, tornando-a relevante e cumprindo o mandamento deixado por Cristo Jesus aos seus – fazer discípulos.

Desse modo, de forma simples e concreta, através dessa pesquisa, apresentaremos uma ferramenta construtiva no crescimento do jovem em desenvolvimento – o adolescente – que necessita de apoio em um dos locais onde está na maior parte de seu tempo – a escola – trazendo-lhe novas perspectivas diante de tudo o que o rodeia. A Capelania Escolar e a igreja, juntas, podem dar frutos maiores à comunidade e ao Reino de Deus.

Tal pesquisa despertou interesse a partir do trabalho desenvolvido no Núcleo Social de Ijuí, com crianças de 6 a 17 anos, no turno inverso ao da escola. Nesse ambiente, pode-se acompanhar a vida escolar deles e de seus colegas de aula, bem como os problemas familiares e no caso dos adolescentes, suas dificuldades próprias da fase, a influência da sociedade e o quanto um capelão ou pessoa com uma conduta cristã pode influenciar a mudança e ajuste de vida nesse período.

Acompanhando diariamente os adolescentes contemplados pelo Núcleo Social de Ijuí, suas famílias e as diversas influências externas da sociedade, surge o questionamento: A Capelania pode ser uma ferramenta de auxílio ao adolescente no meio escolar?

Partindo desse ponto, objetivou-se apresentar um conceito voltado à Capelania Escolar que trabalha com a escola, ajudando e auxiliando os adolescentes nos desafios propostos pela idade, despertando a igreja na busca pela efetivação de um significado especial na vida de cada estudante, que é a salvação em Jesus Cristo. Assim, conjectura-se que na atualidade o adolescente vive em um mundo onde não é visto e muito menos cuidado, por isso precisa urgentemente ser acompanhado em suas dificuldades, pois esse tratamento o influenciará em sua vida adulta. A Capelania Escolar, individual ou em grande grupo, serve como apoio não só ao adolescente, mas à família e envolve a igreja em sua missão principal – levar Cristo a todos.

I. PERFIL DO ADOLESCENTE BRASILEIRO

1.1 Características da adolescência através dos tempos

A palavra “adolescência” tem sua origem do latim “*ad*” (“para”) mais a palavra “*olescere*” (crescer); que tem como significado “crescer para”.¹ Ao averiguar sua etimologia percebe-se que ela está ligada ao sistema de amadurecimento, que se encontra em processo de maturação, no início de um método.²

A sentença “adolescente” traz consigo o tempo, aquele que está em desenvolvimento de maturidade. Este período é marcado por várias transformações corporais, hormonais e comportamentais. Não se sabe o instante em que se inicia, nem o seu fim. Porém pode vir da chamada pré-adolescência, a partir de 9 até os 12 anos. “Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (adolescentes) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos”.³

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142). O adolescente pode ter o voto opcional como eleitor e cidadão a partir dos 16 anos. O conceito de menor fica subentendido para os menores de 18 anos.⁴

Diante do exposto, pode-se dizer que as características variam e divergem frente aos parâmetros biológicos e psicossociais. Portanto, a idade cronológica diversifica-se e não necessariamente é um critério preciso. Tal estágio foi oficialmente estabelecido com Stanley Hall⁵ em 1904, porém desde o início da organização cultural ocidental, ele já esteve presente, com características distintas em cada cultura e época. Somente nos séculos XIX e XX, episódios sociais, demográficos e culturais propiciaram a designação da adolescência como período distinto do desenvolvimento humano. Ou seja, a história é curta, mas a análise psicológica do adolescente tem um longo passado.⁶

Através de estudos sobre cerimoniais de iniciação em povos primitivos e com investigações filosóficas de textos literários da história humana, mesmo que os registros

¹BRASIL. **Cartão do Adolescente** (documento preliminar). Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. ASAJ/MS, Brasília: MS, 2004, *passim*.

²KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário digital 1.0** São Paulo: Estadão, 1998, CD-ROM.

³EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *AdolescSaude*. 2005; 2(2): 6-7.

Disponível em: < http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em 03 mar. 2018

⁴EISENSTEIN, 2005, p. 6

⁵HALL, G. S. **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and educations**(Vol I e II). New York: D. Appleton, 1924, *passim*.

⁶ARIÉS, Philip. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, *passim*.

predominem sobre as classes mais altas, a adolescência é vista desde a Antiguidade sobre o aspecto da impulsividade e excitabilidade. “Na Grécia Antiga, os jovens eram submetidos a um verdadeiro adestramento, cujo fim seria inculcar-lhes as virtudes cívicas e militares”.⁷ O aspecto físico na Grécia Antiga era muito valorizado, aspecto bem diferente entre os Romanos que valorizavam a educação.

(...) a educação dos mais jovens ficava a cargo dos pais, sendo uma educação bastante prática, procurando formar o agricultor, o cidadão ou o guerreiro. A partir do século II a.C., as classes mais abastadas passaram a hospedar em suas casas algum mestre grego para educar seus filhos e aqueles que não tinham a mesma possibilidade enviavam seus filhos para escolas. (...) meninos romanos da elite, aos 12 anos, deixavam o ensino elementar e passavam a estudar os autores clássicos e a mitologia, com o objetivo de adornar o espírito. Aos 14 anos, abandonavam as vestes infantis, tendo o direito de fazer tudo o que um jovem gostasse de fazer. Alguns jovens, como complementação de seus estudos, viajavam à Grécia. Aos 16 ou 17 anos, podiam optar pela carreira pública ou entrar para o exército. Não existia “maioridade” legal: o indivíduo era considerado impúbere até que o pai ou o tutor considerasse que estava na idade de tomar as vestes de homem e cortar o primeiro bigode. No período entre a puberdade e o casamento, a indulgência dos pais era admissível, devia-se conceder algum privilégio ao calor da juventude. Por outro lado, as meninas, aos 12 anos, eram consideradas em idade de casar. O casamento se consumava, no máximo, aos 14 anos, quando então eram consideradas adultas.⁸

A intelectualidade era necessária para instruir os mais jovens. Durante a Idade Média, nas comunidades feudais, ambientes familiares, crianças e adultos eram considerados adultos em miniatura, ou seja, o estágio de adolescência era de maturidade, responsabilidade, compromissos, deixando de lado cuidados essenciais como os ligados à saúde e ludicidade.

A concepção de estágios, fases, ou idades da vida, começou sob a reverte a influência de Aristóteles (século V), que denominou a terceira idade (dos 14 aos 21 anos) como adolescência, pois nesse período o indivíduo estaria pronto para reproduzir-se, procriar.⁹

Outro filósofo que sugere características da adolescência é Rousseau¹⁰ (séc. XVIII). Ele considerava a adolescência como um estágio de instabilidade, e conflito emocional provocados pela maturação biológica. Mas, ainda assim, considerava-os como adultos.

Foi só na Idade Moderna, como demonstra Ariés¹¹, que a sociedade começa a se organizar em grupos, preocupando-se em classes determinadas por faixas etárias.

⁷ FERREIRA, Tereza Helena Schoen; FARIAS; Maria Aznar. **Adolescência através dos séculos**. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 26, n. 2, abr. a jun. 2010, p. 228.

⁸ FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 228.

⁹ FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 229.

¹⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3.ed. Trad. Sergio Milliet. Difel: São Paulo, Rio de Janeiro, 1979, *passim*. Disponível em: <<http://www.ensinarfilosofia.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Rousseau-Emilio-Ou-Da-Educacao.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2018.

A infância passa a ser encarada como um momento privilegiado da vida, e a criança é identificada como uma pessoa. Nesse momento, a figura do adolescente é delineada com precisão. Alguns marcos indicam o início e o fim dessa etapa: esse período é delimitado, no menino, como o que se estende entre a primeira comunhão e o bacharelado, e na menina, da primeira comunhão ao casamento.¹²

Com a adolescência reconhecida, a temida fase de riscos potenciais, tanto para a sociedade quanto para o indivíduo, os comportamentos e transformações começam a ser analisados.

Stanley Hall, que descreveu esse período como uma época de emotividade e estresse aumentados. Legitimou a adolescência como uma etapa que requer estudo e atenção, inaugurando, assim, o estudo científico da adolescência. Para Hall (1925) a adolescência era basicamente biológica. Para ele, a adolescência era entendida como zona de turbulência e contestação, constituindo-se em uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias.¹³

Agora vigiados, ocorre o despertar pela privacidade. Surgem os diários íntimos e as amizades entre seus pares. O tempo passa e no século XX, as guerras marcam o desenvolvimento da adolescência.

Nos períodos que precederam a I e a II Guerra Mundial, a literatura enfatizava a indolência, indisciplina e preguiça dos adolescentes; enquanto que durante as guerras e nos anos seguintes, os pesquisadores demonstravam a importância do trabalho dos adolescentes.¹⁴

Percebe-se que, distintamente ou não a adolescência é um tema significativo no rol dos historiadores, que resguardam como uma construção social. Antropologicamente falando, tais estudos modificaram a maneira de pensar a adolescência, regalando possibilidades de compreensão sobre o desenvolvimento humano, acentuando inquirições como: a adolescência não carece de ser um estágio estrondoso; e seus traços de crescimento psicossocial não são universais.

Erikson¹⁵ denota que a fase da adolescência está ligada significativamente às características e fatos sociais do contexto de inserção do indivíduo, e as mudanças são de extrema relevância diante dos novos comportamentos vitais desse ciclo. E é de se esperar que com a virada dos séculos e as transformações da sociedade, o controle tradicional exercido pela família, igreja e comunidade também modifique esse adolescente, que passa a ser considerado de forma oposta ao início das civilizações. Hoje, o estado busca a sua proteção,

¹¹ ARIÉS, 1981, *passim*.

¹² FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 230.

¹³ FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 230.

¹⁴ FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 231.

¹⁵ ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, *passim*.

os governos conscientizam-se quanto ao seu desenvolvimento, e a adolescência torna-se visível no quadro de atenções.¹⁶

Outro setor que se modificou atualmente são as instituições de ensino, que buscam profissionalizar acentuadamente os adolescentes. Indivíduos que com a idade que possuem, por vezes, não têm consciência formada daquilo que realmente desejam para o futuro.

O Brasil, com os últimos governos instituídos, buscou, de diversas maneiras, profissionalizar e dispor aos jovens mecanismos de ensino que os capacitassem para o mercado de trabalho e/ou profissões que alavancassem sua estrutura social. No entanto até que ponto esses adolescentes têm discernimento diante de tais conflitos?

De forma sucinta, acima foi delineada a versatilidade das culturas em distintas épocas. Ideias que vigoraram com o passar dos tempos e com a renovação dos comportamentos e das instituições. Captam, diante do citado as heterogeneidades e modificações por que esse estágio passou. Ou seja, o conceito “adolescência”, mesmo com escritos formalizados e catalogados, ainda não possui uma definição convicta, e para tanto, nesta pesquisa abarcaremos a idade de 10 a 17 anos versado nos escritos estudados, que não têm uma consonância precisa diante de sujeitos tão desiguais.

Assimila-se até o momento que a adolescência é um tempo de mudanças rápidas e frequentes – “já não sou mais criança” é uma das frases mais ouvidas, nos dias atuais. É utilizada inclusive por pré-adolescentes, que estão em transição para adolescência. Uma despedida da infância, que, ao que parece, é algo determinante para o futuro de tais sujeitos.

Apesar das modificações, percebe-se que a adolescência nem sempre foi vivida e sentida como um período difícil da vida. As transformações do conceito em si compreendem que essa etapa do desenvolvimento é marcada por drásticas mudanças, físicas, cognitivas e sociais, isso é um dos reflexos da mudança de seu conceito.

Os autores demonstram que a adolescência é considerada um estágio em que os “jovens”, após momentos de maturação diversificados, constroem sua identidade, referências, caminhos profissionais e projetos de vida. Sua duração é determinada pela cultura e, apesar de ser um aspecto biológico e psíquico, está intimamente influenciado pelo meio social e cultural do adolescente.

Baseado nos materiais pesquisados, pode-se dizer que “adolescência” é um período repleto de potencialidades, que, se trabalhadas e cuidadas nos ensinamentos bíblicos, será rica fase em verdade e profundidade.

¹⁶ FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 232

1.2 O adolescente imerso na configuração das novas famílias

A família atual brasileira vem mudando devido ao desenvolvimento da sociedade moderna na cultura, política e econômica. O adolescente atual encontra-se em uma sociedade em que família não tem modelo fixo.

A família pode ser compreendida como um grupo social no qual se descobre um laço coesivo entre seus componentes, uma consciência de unidade, outrora denominada “consciência do nós”, como relata Santiago Dantas.¹⁷

A palavra família deriva do latim *família*, que se origina de *famulus*, designando o servidor, o criado. A família podia ser entendida como o *locus* onde reinava o *pater*, abrigando, em seu âmago, além deste, a esposa, os filhos, o patrimônio, os criados e os servos.¹⁸

Giselda Maria Fernandes Novaes Hironaka discorre que:

(...) a família é uma entidade histórica, ancestral como a história, interligada com os rumos e desvios da história ela mesma, mutável na exata medida em que mudam as estruturas e a arquitetura da própria história através dos tempos, a história da família se confunde com a própria humanidade.¹⁹

Outra definição a ser considerada é de Euclides de Oliveira, que expõe:

(...) na idéia de família o que mais importa é pertencer ao seu âmago, é estar naquele idealizado lugar onde é possível integrar sentimentos, esperanças e valores, permitindo a cada um sentir-se a caminho da realização de seu próprio projeto de felicidade pessoal - a casa, o lar, a prosperidade e a imortalidade na descendência”.²⁰

Já Clóvis Bevilacqua, baseando-se nos valores tradicionais da família define que:

(...) a família legítima, valorizando a moralidade e a estabilidade necessária para a execução da sua função social oriunda do casamento; como “o complexo de normas que regulam a celebração do casamento, sua validade e efeitos dela resultantes, as relações sociais e econômicas da sociedade conjugal, a dissolução desta, a relação entre pais e filhos, o vínculo de parentesco e os institutos complementares da tutela e da curatela, sendo imprescindíveis para a existência do ato: a dualidade de sexos, a celebração na forma da lei e o consentimento válido.”²¹

Ou seja, é possível elencar vários conceitos, definições, ressalvas, sobre o organismo família, cientificamente, no que diz respeito a sua caracterização. A família, perante o referido

¹⁷ DANTAS, Francisco Clementino de San Tiago. **Direito de família e das sucessões**. rev. e atual. José Gomes Bezerra Câmara e Jair Barros. Rio de Janeiro. Forense, 1991, p. 3.

¹⁸ NADAUD, Stéphane. **L’homoparentalité: uma nouvelle chance pour la famille?** Paris: Fayard, 2002, p. 22.

¹⁹ HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. **Direito civil: estudos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2000, p. 17-18.

²⁰ OLIVEIRA, Euclides. **União estável do concubinato ao casamento**. 6. ed. São Paulo: Método, 2003, p. 24.

²¹ BEVILAQUA, Clóvis. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil comentado**. Atualizado por Achilles Bevilacqua. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1950, v. 2, p. 41-42, 67.

por teóricos jurídicos, pertence ao homem através de seu nascimento, casamento, filiação ou afinidade, dependendo do momento e da consciência histórica, interligado á política do estado, aos costumes da civilização e suas influências.²²

Conceituar a família, na perspectiva do mundo científico atual, vai além do tradicionalismo, oriundo do casamento. Passa para outras especificidades, de certa forma informais, que buscam o respeito à dignidade do ser humano. O movimento histórico atual, perante o que se diz ser a evolução dos costumes, a confabulação internacional, as técnicas científicas recentes, o tombamento de mitos e preconceitos, passa a ponderar reflexões como a de Hanna Arendt, que proclama que o indivíduo atualmente “sente-se em casa no mundo”.²³ Daí a legitimação das novas modalidades de família, flexíveis e conceituais no que tange ao desenvolvimento histórico de caráter social.

Segundo a Organização Internacional dos Direitos Humanos, a família é um direito humano fundamental, intimamente ligado ao direito à vida. Ou seja, participar de um agrupamento familiar representa na ótica dos direitos humanos um fundamento que não pode ser negado a nenhum indivíduo sob pretexto de qualquer prática discriminatória.

Um fato a ser ressaltado é que, na atualidade, uma das vultuosas discussões sobre os direitos humanos, no Ocidente, é o nivelamento das diferenças e divergências na efetivação dos direitos proclamados. Quer dizer, cientificamente a família é importante para a definição do indivíduo social, seu modo particular de existência no lugar em que ocupa no seio da família, estabelecendo sua autoaceitação e desenvolvendo sua personalidade.

Estudos mostram que a família transformou-se substancialmente desde a Constituição Federal e o Código Civil de 1988. O que se apresenta atualmente são famílias matrimoniais tradicionais, famílias formadas através de união estável, famílias adotivas, concubinato, família monoparental, homoafetiva, família por adoção homoafetiva, família transexual, transgenitalizada, conjugalizada do transexual, intersexual, entre outras ainda não denominadas pelo Código Civil brasileiro.²⁴

²² Uma definição precisa é indiscutivelmente laboriosa ao meio científico, devido a abrangência do termo. É válido sublinhar que a composição familiar no mundo atual, em seu estágio dito evolutivo e internacionalizado dos direitos humanos, que ainda em lugares distintos do planeta é regido pela política do estado e do processo civilizatório. Ou seja, o conceito de família no mundo científico é adverso ao conceito de família nos preceitos bíblicos apresentados já no Antigo Testamento, onde a família é a organização que dá a garantia ao homem de uma descendência. O casamento bíblico é um ato importante, pois só assim a pessoa poderá garantir a sobrevivência do seu povo, gerando descendentes. E assim as famílias eram a base elementar das comunidades (Gn. 1.27).

²³ ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rev. técnica Adriano Correia. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 15.

²⁴ Consultar com profundidade o assunto em: MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. 2010. 348 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2010.

Em meio a esse contexto todo está o adolescente, o ser no início do seu amadurecimento, regado de conflitos, dúvidas, preconceitos, ou seja, conceitos ainda não formados (pré-conceito), onde o mesmo busca encontrar seu lugar.

E não se pode deixar de dizer que o relacionamento entre a família que o adolescente está inserido o influenciará e muito. A partir dela, o adolescente poderá se sentir seguro ou não para se relacionar consigo mesmo, com o outro e com a sociedade como um todo. Isso, ao que tudo indica, é determinante na socialização dos mesmos, pois, acaba por ser a base deles.

A permissividade, a rigorosidade, a condução familiar gerar sujeitos distintos. Eles poderão ser responsáveis, revoltados, inconsequentes, amorosos, educados, etc. Estudos relatam que a maneira como os indivíduos são educados, eles refletirão na vida em desenvolvimento. E a adolescência é uma fase carregada de exemplos que os farão prosseguir à maneira que forem educados.

A Bíblia é clara quando diz “instrui seu filho a formar bons hábitos enquanto ainda é pequeno. Assim, ele nunca abandonará o bom caminho, mesmo depois de adulto”.²⁵ Uma promessa rica, que eleva a responsabilidade daqueles que cuidam e investem em indivíduos em formação.

Por isso, pensar em família na atualidade e diante dos princípios bíblicos é uma tarefa não muito fácil, pois a trivialidade do momento histórico em que vivemos ignora os sentimentos do indivíduo. Deixa de impor limites, acaba por realizar trocas, barganhar afetividade e/ou outros aspectos que beneficiem seus responsáveis e desarmonizam a mente dos adolescentes. Há ainda aqueles responsáveis que são rigorosos e extremamente severos, que proíbem e castigam os adolescentes por motivos fúteis, talvez por não compreenderem o dilema desse estágio.²⁶

A nova configuração familiar carrega dilemas a serem transpostos com muita orientação e “discipulado”.²⁷ Ed René Kivitz, em sua obra “Talmidin: o passo a passo de Jesus”, explica que:

Os meninos em Israel começavam a estudar a Torá aos 6 anos. A Torá era a lei de Moisés, o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia (...). Aos 10 anos, ao final do primeiro ciclo de estudos chamado *BeitSefer*, esses meninos já haviam decorado a Torá. A partir daí alguns voltavam para casa e aprendiam o ofício da família, mas os que se destacavam continuavam num

Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/pt-br.php>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

²⁵ THE INTERNACIONAL BIBLE SOCIETY. **Nova Bíblia Viva**, São Paulo, Hagnos, 2018, p. 543.

²⁶ SCHELB Guilherme. **Manual do professor**: tudo o que a Escola precisa saber sobre as leis e Justiça. Rio de Janeiro: Central Gospel. 2016. p. 184

²⁷ Discipulado que vem de discípulo que em seu significado primeiro é aprendiz, segundo KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). 1998. CD-ROOM.

segundo estágio, o *BeitTalmud*. Continuavam frequentando a escola judaica e estudavam sob a orientação de um rabino, que os adotava para lhes ensinar mais profundamente a Torá e suas escolas de interpretação. Esses meninos extraordinários eram chamados de *talmidim*, plural da palavra hebraica *talmid*, que o Novo Testamento traduz como *discípulo*.²⁸

Ou seja, um aprendiz, através dos ensinamentos do seu mestre, segue o seu exemplo.

Quando Mateus escreve o Evangelho no capítulo 11 verso 28, relata seguintes palavras de Jesus: “venham ser meu *talmid*, seja meu discípulo, faça parte do meu grupo de *talmidin*”²⁹. Jesus convida a todos para andarem com ele, seguir seus passos, aproximar-se intimamente, ensinar como Deus deseja que cada um de nós viva. Kivitz expõe também que

(...) os antigos rabinos tinham um ditado para os meninos *talmidim*: “Cubram-se com a poeira dos pés de seu rabino”. Um *talmid* deveria seguir seu mestre tão de perto, andando bem atrás dele, a ponto de, ao final do dia, estar coberto com a poeira dos pés do rabino.

Em outras palavras, o modelo está na vida do mestre, o exemplo o está instruindo a se tornar como ele. Essa analogia pode ser usada muito bem na relação família, mesmo que configurada no século XXI, com reveses jurídicos instituídos.

Retomar os vieses familiares, o laço coesivo entre seus componentes parece, ao que é imposto na atualidade, um caminho inverso, por isso a urgência de discipular pois, o adolescente imerso nesse contexto formará quais hábitos? Ser instruído por quem? Seguir a quem?

1.3 Identidade influenciável

O adolescente está exposto cotidianamente a numerosas influências. Com a expansão tecnológica, comunicativa e midiática, o despertamento por conhecimento coloca-se diante de estruturas que lhe ascendem e o subjagam.

Uma das questões a serem exemplificada é a identitária.

A questão identidade nos últimos tempos tem sido muito discutida na teoria social. Isso se deve a individualização que cada sujeito tem reconsiderado no momento atual. Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” vai nos dizer que essa individualização é devida o resgate de resquícios do homem humanista, renascentista e iluminista. No século XVIII o homem era o centro do universo, além de ter se tornado mais racional e científico. Hall afirma que ao passo que a sociedade moderna torna-se cada vez mais complexa, coletiva e social, devido às transformações econômicas e políticas, o sujeito também passa a alterar sua identidade, vindo a ser visto como um ser ‘definido’ no interior dessas novas estruturas da sociedade.³⁰

²⁸ KIVITZ, Ed René. **Talmidin**: o passo a passo de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2012, p. 7.

²⁹ KIVITZ, 2012, p. 6.

³⁰ BORGES, Letícia Oliveira. **O sujeito dentro do uniforme**: um estudo no colégio Tiradentes em Pelotas 2015-2017. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande: FURG, 2017. Disponível em: < <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011882.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018, p. 16.

Ou seja, a identidade não está acabada, completa, mas em constante transformação.

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos na unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.³¹

O sujeito busca sentir-se parte de um grupo, uma tribo, um reconhecimento do outro, o que influencia seu modo de ser e agir. “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”³² Os símbolos identitários construíram a dinâmica de sua maturidade. O adolescente na busca por identificação, afiliação, aceitação, hesita ainda mais nesse estágio pois,

(...) ele se torna ainda mais inseguro quanto à sua identidade. A busca pela independência em relação à família e as mudanças radicais em seu corpo, agora mais maduro sexualmente, contribuem para essa situação. O jovem busca trabalhar, além das necessidades de afiliação social e de auto-estima, a necessidade de reconhecimento.³³

O coletivo dita a individualidade, influência constantemente, principalmente pelos meios sociais de convivência inerentes aos meios de comunicação, produtos do nosso século.

Na adolescência a busca por aceitação, a necessidade de socialização, auxilia na construção de novas identidades e vínculos. No grupo de convivência entre seus pares, as mudanças corporais são iguais, as roupas, a linguagem, os gostos musicais, aspectos que colaboram para que o adolescente se sinta seguro sobre o que é, compreendendo e sendo compreendido.³⁴

³¹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas Tadeu da Silva. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 38-39.

³² HALL, 2006, p. 13.

³³ EMBACHER, Airtton. **Moda e identidade: a construção de um estilo próprio**. 3.ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004, p. 94.

³⁴ FERREIRA SALLES Leila Maria. **Adolescência, escola e cotidiano, contradições entre o genérico e o particular**. São Paulo. UNIMEP. 1998, p. 65.

1.4 Redes sociais³⁵

Além da identidade que está sendo construída, correlacionada aos grupos, a escola, vínculos, estímulos sociais, entre outros, no século vigente as redes sociais são o ambiente construtor de mecanismos de interação mais utilizado pelos adolescentes. *Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, Facebook Messenger, Twitter, Wechat, Tumblr, QQ, QZone, Sina Weibo, Reddit, Baidu Tieba, Skype, LinkedIn, Viber, Snapchat, LINE, Pinterest, Telegram*, são as vinte (20) redes sociais mais usadas entre os brasileiros e as mais “queridinhas” pelos jovens conectados segundo pesquisa realizada pelo site *We are Social*.³⁶ O uso do ciberespaço é tanto, por pessoas dessa faixa etária, que na Inglaterra já existe uma clínica para crianças e adolescentes dependentes de aparelhos tecnológicos, principalmente computadores e celulares. Schwartz³⁷, em sua visão declara que a *internet* está enraizada ao cotidiano de jovens e adolescentes, pois, oportuniza um mundo correlato, chamado de virtual, no qual é aceitável experienciar imaginadas histórias de ficção científica, entre outras possibilidades não existentes no mundo dito real, baseado na sua vivência e no meio que o está produzindo.

Daí surgem alterações nas relações sociais dos adolescentes e, por não dizer da sociedade como um todo, no que diz respeito às amizades, a família, o outro, ou por vezes “um só”.

Nesse mundo de redes sociais, o adolescente, por estar em formação, descobrindo “quem eu sou” e “a que grupo pertencço” é demasiadamente influenciado. “Na adolescência é a estrutura subjetiva que está em causa, devido ao abalo sofrido pelo imaginário. O jovem precisa emergir e sustentar-se, e necessita de outras referências além das parentais”.³⁸ E uma das referências são as redes sociais, que podem muito bem servir de forma benéfica ou não, visto que por meio delas seu convívio pode aumentar de forma real, ou apenas virtual. A escola, o lazer, os estudos, a afetividade torna-se dependente do espaço cibernético. A superficialidade, a falsidade, as relações: sua humanidade cessa por não se desenvolver, diante da dependência das redes sociais.

³⁵ Exploraremos esse aspecto: *internet* ligada a vida social e individualidade – de forma mais aprofundada no capítulo três (3) desta pesquisa.

³⁶ Material disponível em: <<https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>>. Acesso em 06 out. 2018.

³⁷ NARDON, F. **A relação interpessoal dos adolescentes no mundo virtual e no mundo concreto**. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma: curso de graduação em Psicologia, Universidade do Extremos Sul Catarinense, 2006. p. 42.

³⁸ CAIROLI, P; GAUER, G. J. C. **A adolescência escrita em blogs**. Estudos de Psicologia (Campinas) 2009, p. 209. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/08.pdf>>. Acesso 23 out. 2018.

Outro aspecto relevante a se considerar sobre as redes sociais é que o adolescente crê que pode tudo, afinal o anonimato faz parte da rede. A exposição que as redes sociais proporcionam a esse público inibe a timidez e a fobia social, assim como o isolamento e a afetividade e, por que não dizer a depressão, gerada porque nessa sociedade contemporânea os relacionamentos sociais, principalmente entre os adolescentes estão muito ligados à veiculação midiática.

Com tantas mudanças acontecendo nesse estágio, os adolescentes tornam-se inseguros, frios, tímidos e com vergonha de si e do mundo que os rodeia, afinal *likes* valem muito mais que um contato meramente físico.

A fase da adolescência potencializa o jovem a um encontro imediato com sua autoafirmação, e a *internet* proporciona isso, porém eles necessitam do outro para formar sua identidade e, o número de amigos, a relação com grupos de interesse, sentir-se num espaço amplo contribui para que eles fiquem mais conectados. Isso pode levá-los tomarem atitudes que os expõem a crises que testam o mundo e a separação de seus pais e/ou cuidadores.

Diariamente somos informados sobre jovens que se utilizam da *internet* para maquinar contra o outro, pois nesse mundo virtual, o *cyberbullying* é comum, ele envolve a tecnologia e esta pode ser utilizada através de mensagens que levam e trazem a perda de privacidade. Perfis *fakes* com dados pessoais, pornografia, material violento, fraudes, vírus são realidades possíveis nesse meio de comunicação, e adolescentes em constituição, dependendo da influência e do meio em que estão inseridos, não controlam suas emoções, não sabem lidar com seus sentimentos, e as notícias a todo instante informam sobre adolescentes e jovens que se suicidam, que promovem tiroteio em escolas, que agem com violência com seus professores, sem motivo aparente, porém, quando os casos são investigados, estudados com cautela, descobrem as influências do mundo das redes sociais virtuais.

1.5 Instabilidade emocional

Os adolescentes, por estarem passando do estágio de crianças para jovens e, posteriormente adultos, estão aprendendo a lidar com suas emoções. Augusto Cury diz que “a gestão da emoção é à base de todos os treinamentos psíquicos: profissional, educacional e interpessoal”.³⁹ A pergunta que paira: os adolescentes conseguem gerir suas emoções?

Na fase da adolescência, como já exposto, uma das características que está sendo construída é a identidade. Além dela, percebe-se também que a escolha profissional, amorosa,

³⁹ CURY, Augusto. **Gestão da emoção:** técnicas de *coaching emocional* para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e equilibrada. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 13.

aceitação da definição sexual, independência com as responsabilidades, angústia existencial, realização pessoal, idealização social, entram em jogo. Tradicionalmente falando, a família prepara o adolescente para o mundo, ou ao menos deveria, e a escola é a primeira experiência de mundo desse sujeito. Esses processos conforme as maturações, regularão o comportamento dos sujeitos em processo de crescimento. Segundo estudos, as emoções conduzirão à mediação do futuro de cada sujeito.

Lídia Suzana Rocha de Macedo e Tania Mara Sperb esboçam um estudo relatando o que a emoção causa na vida do ser humano:

Processos de regulação de emoções são comportamentos, habilidades e estratégias que podem ser conscientes ou inconscientes, automáticos ou controlados por esforço, e que servem para modular, inibir ou incitar a experiência e a expressão emocional (Gross & Thompson, 2007). Regular emoções envolve mudanças na dinâmica da emoção, o que inclui o tempo que a emoção leva para emergir, a magnitude, a duração e um conjunto de respostas nos domínios fisiológico, do comportamento ou da experiência (Calkins & Hill, 2007). Emoções podem ser interrompidas e submetidas ao controle por ação da própria pessoa (autorregulação) ou de outros. Concebida como um processo, a regulação da emoção pode dar-se em momentos distintos, se considerada como ponto inicial a situação que provocou ou tem potencial de provocar emoções. Para Gross (1998), a emoção pode ser regulada por meio de: seleção da situação (ação em antecipação à situação), modificação da situação (ação sobre a situação), investimento da atenção (retirar a atenção da situação), mudança cognitiva (mudar o significado da situação) e modulação de resposta (tentar influenciar a resposta fisiológica, experiencial ou comportamental).⁴⁰

Ou seja, regular as emoções traz benefícios e modula a vida dos sujeitos. No entanto, na adolescência essa gestão não é precisa. Afinal eles estão sendo impactados por vários setores, e dependendo do meio, da família, das companhias, do *status* econômico, dos estímulos, da escola, do mundo experimentado as perspectivas podem não ser favoráveis.

Outro aspecto a ponderar na atualidade, mesmo que sempre tenha existido, no entanto, o primeiro a relacionar a palavra a um fenômeno já decorrente foi Dan Olweus em 1970, é o *bullying*. Olweus estudou as tendências suicidas entre adolescentes e constatou que a maioria dos jovens que cometiam tais atos tinham sofrido algum tipo de ameaça, e isso precisava ser combatido.

O *bullying* tem sido causa de muitos traumas, pelos quais o emocional é diretamente atingido. São ações contínuas de agressão física, menosprezo ou perseguição com intenção de humilhar ou intimidar a vítima.⁴¹ O aumento dessa prática tem atingido as escolas, e tem sido

⁴⁰ MACEDO, Lídia Suzana Rocha de; SPERB, Tania Mara. **Regulação de Emoções na Pré-Adolescência e Influência da Conversação Familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 29, n. 2, abr-jun 2013, p. 134. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n2/02.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

⁴¹ SCHELBA, 2016, p.107.

causador de perturbações, doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves, induzindo muitos adolescentes ao abuso de drogas e outros vícios.

O bullying é um problema que existe em todas as escolas; ainda assim, poucos têm consciência de sua existência ou mesmo das graves consequências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Em muitos casos, ele é confundido com indisciplina ou mesmo brincadeiras próprias da idade ou, ainda, com agressões corriqueiras, casuais.⁴²

Uma das prováveis respostas sobre o *bullying* e a da ciência, que explica um pouco sobre a instabilidade emocional. Essa estabilidade ocorre, devido a um aumento absurdo de hormônios, fato marcante do fim da infância.

Os adolescentes tornam-se instáveis, irritantes, rabugentos, ranzinzas. A “aborrecência”, como alguns denominam, na maioria das vezes não é birra, mais um descontrole devido à má formação das conexões de seus neurônios, região menos formada. O lobo frontal, onde a razão se localiza. Embora o cérebro de um jovem esteja 80% já formado a caminho da maturidade, o restante 20%, é a parte racional, que faz o adolescente ser levado pelos seus impulsos e emoções.⁴³

Os lobos parietal e frontal, localizado no topo da cabeça, são o ponto crucial na vida do ser humano, pois, ali estão localizados os mecanismos da sensatez, da antecipação das situações de riscos e do juízo, parte que na adolescência o ser humano está em construção. O córtex pré-frontal ocupa 40% do volume do cérebro de um adulto, quando já em sua total formação. Então como essa região não está totalmente formada, o adolescente, em suas conexões de neurônios, tem comandos de perigo, que demoram ou simplesmente anulam a circulação conectiva de uma região a outra.⁴⁴

Suas atitudes impensáveis ou imaturas não são porque eles querem chamar atenção ou porque são jovens e não sabem o que fazem, mas pela busca de prazer por correr risco. O cérebro deles libera uma substância chamada dopamina, neurotransmissor ligado a sentido de recompensa, juntamente com turbilhões de emoções e o anseio de arriscar, sem pensar nas consequências. O jovem também não vai aprender com esses erros, pois a outra área que controla a memória prospectiva não está totalmente desenvolvida. E novamente o sentido da recompensa está ligado ao adolescente e daí surgem as frustrações, que acarretam na relação aos vícios como drogas, bebidas, jogos radicais, vídeo game, entre outros.⁴⁵

⁴² PEREIRA, Sonia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2011. p 9.

⁴³ RITTO Cecília e VIEIRA Maria Clara. **O que vai nessa cabeça?** Disponível em: <http://escoladepais.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Artigo_O_que_vai_nesta_cabe%C3%A7a_-_11-16.pdf>. Acesso 08 nov. 2018, p. 88.

⁴⁴ RITTO, 2016. p. 88

⁴⁵ RITTO, 2016, p. 88

Daí a urgência de uma orientação, cuidado, zelo pela sociedade, pela geração que está sendo formada, nas casas e principalmente nas escolas, que são os espaços de convívio comuns a esse estágio. A figura de um assistente produtivo, que contribuía intensamente para a saúde emocional, física e espiritual desses indivíduos, é indispensável. Esse elemento descrito é a síntese de um capelão.

1.6 O adolescente e a escola pública brasileira

A educação no Brasil historicamente é um tema instigante. O povo brasileiro foi construído através de colonização, exploração, subordinação, administração e catequização, conforme nossos invasores assim o almejavam – civilizar, explorar, povoar, conquistar e dominar.

A civilidade brasileira é construída pedagogicamente através da dominação, conforme afirmam historiadores. Nosso país não possui consciência histórica definida, não concebe em termos técnicos o que é cidadania propriamente dita, de forma efetiva, apenas de forma teórica. Não há identidade nacional. Isso, pode-se dizer, que é fruto de como o povo brasileiro foi educado e apoderado historicamente.⁴⁶

O sistema educativo do Brasil, segundo o senso comum, situa-se na educação plena do ser humano. Essa tarefa consiste em capacitar, identificar, acompanhar o ser humano e suas inquietações, mantendo-os vivos e em busca pelo saber de forma racional, exercendo sua liberdade, através de sua autonomia.

Em qualquer sociedade, os grupos são constituídos pela manutenção, perpetuação, transformação e aperfeiçoamento da sociedade a partir de instrução ou mediação de conhecimentos atitudinais. Ser, estar e agir é um ajustamento da sociedade. Ou seja, a educação é um processo de socialização, integração e convívio.

A prática educativa formal – mediada pelos espaços escolarizados – se dá de forma intencional e com objetivos determinados, como é o caso da instituição denominada de espaço escolar.⁴⁷

Segundo as legislações que circundam a educação, o ato de educar não se limita apenas a instruir, transmitir informação, competências, mas deve buscar a consciência de autonomia do indivíduo. Consciência essa que, de alguma forma, não concebe a noção de

⁴⁶ REIS, Maria José. **O ensino de história e a construção da identidade nacional:** uma união legítima. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/11206/10673>>. Acesso em 22 out. 2018, *passim*.

⁴⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em 17 out. 2018.

autoridade, respeito e civilidade em sua essência. Talvez seja um resquício da maneira como o país foi construído, em meio a violência, imposição, extermínio, escravização.

O que se conhece nas escolas do nosso país são profissionais desvalorizados, estudantes incivilizados, desinteressados, produtos de acomodações, de coibições violentas, de famílias desestruturadas, desajustadas, indivíduos controlados, julgados socialmente, reprimidos, desiguais, “nem nem”(que não encontra ou não procura modos de inserção, tais como trabalho e compromisso com a sua educação).⁴⁸ Isso tudo, ao que hipoteticamente pode parecer, é a falta de perspectiva, empoderamento⁴⁹, investimento do indivíduo em sua transformação. Porém, ainda há esperança, pois existem profissionais dedicados em meio a esse caos, docentes que procuram dar aos seus alunos uma nova perspectiva de vida, de inclusão, de exercício da cidadania, pois amam a sua profissão e se dedicam ao máximo para reverter essa situação. Mas ainda são poucos no meio da multidão. Tais profissionais precisam de visibilidade para que possam inflar os colegas insatisfeitos e sem perspectiva do ser em desenvolvimento.

O adolescente, frente ao mundo conflituoso que o cerca, não enxerga claramente as situações relacionadas acima e torna-se passivo no que tange à definição de educação, algo importante a sua construção, mas que a percebe tardiamente.

A educação é um dos setores que possui os profissionais menos valorizados, devido às mudanças no ensino e no âmbito dos investimentos do Brasil. A procura pela profissão decaiu significativamente agravando a escassez de professores. No estado do Rio Grande do Sul, as áreas mais atingidas do conhecimento são as Humanidades e suas Tecnologias, principalmente os profissionais que se dedicam a História, Geografia e Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol), afirma a gerente educacional da corporativa da Rede Verzeri, Silvia Leal.⁵⁰

A baixa procura profissional pela área do ensino está relacionada principalmente ao prestígio de tais especialistas, aos salários reduzidos, à falta de plano de carreira e também à qualificação deficiente dos cursos de graduação. O Tribunal de Conta da União apresentou, em 2014, uma redução de 32,7 mil professores no Ensino Médio no Brasil.

Outro aspecto é se considerar, quanto à qualidade do ensino no Brasil, são aqueles que são atraídos pelo programa do Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior

⁴⁸ ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no brasil de hoje:** políticas e perfis da juventude brasileira. Cadernos Adenauer XVI (2015) n.1. Disponível em: < <http://www.kas.de/wf/doc/16488-1442-5-30.pdf>>. Acesso em 16 out. 2018.

⁴⁹Empoderamento no sentido de conscientização, capacidade de participação, inclusão social e exercício de cidadania.

⁵⁰ GAMBA, Vivian. **Formação em Cheque.** Porto Alegre: SINEPE, 2016, p. 24 -25.

(FIES), onde as licenciaturas possuem descontos e parcelamentos dos cursos e, por vezes, muitos jovens procuram tais cursos apenas com o foco de um diploma de curso superior e não de carreira, sem falar na questão harmônica do ensino técnico disposto na graduação e a necessidade prática nas escolas, em constante mutação.⁵¹

Em meio a tudo isso está o adolescente imbuído nesse sistema precário, desvalorizado, desconsiderado e relegado a um segundo plano.

A falta de um ambiente propício para uma educação de qualidade, investimentos necessários e urgentes, pessoas comprometidas com o ensino, conscientes de que a emancipação do indivíduo está diretamente ligada à educação, e essa à essência da vida - Jesus, que poderá diminuir significativamente as desigualdades sociais, a violência, a fome, a má distribuição de renda e outros aspectos. Quando a base da verdade, que é Cristo, perde seu sentido no desenvolvimento integral do ser humano aplicado a métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral, o seu crescimento decresce de forma significativa.

Pode-se deferir também sobre a evasão escolar ligada a alguns aspectos catalogados acima. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), cerca de 50% dos alunos que começam o ensino médio não completam os estudos; 1,7 milhão de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da sala de aula; ou seja, 3,7 bilhões de reais são descartados dos cofres públicos devido ao abandono desses alunos em sala de aula.⁵²

Estudos de casos pautados nas concepções dos estudantes adolescentes sobre o sentido da escola apontam que o espaço escolar é conceituado como sendo um lugar seguro diante de algumas realidades vulneráveis, assim como a mecanização e o tradicionalismo na transmissão de conteúdo torna irrelevante o interesse pelas matérias, o que gera um baixo índice de aprendizado e evasão, como já apontado.⁵³

Após tudo que foi exposto, cabe a análise de uma ferramenta que vá de encontro a todas essas postulações que afetam consideravelmente os indivíduos em processo de maturação, os adolescentes. Um instrumento que possa auxiliar na construção da identidade, transformação de caráter, perspectiva de futuro, socialização, gestão das emoções, autoafirmação e, por que não dizer, integralidade do indivíduo, um ser social, psíquico e espiritual.

⁵¹ GAMBA, 2016, p.25

⁵² GAMBA. 2016, p.26

⁵³ LEITE, Fernanda. et al. **O sentido da escola:** concepções de estudantes adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*. v. 20, n. 2, São Paulo: maio/agosto 2016, p. 339-348.

II. CAPELANIA ESCOLAR

Para dar início ao assunto da Capelania escolar, é preciso conhecer algumas disposições. Nesse capítulo será apresentada inicialmente, a origem da Capelania, os segmentos abarcados por ela, o perfil do capelão, os deveres de um servo designado para essa atuação e, por fim, será explanado o tema Capelania Escolar, foco de reflexão, que se encontra dentro das entidades educacionais em todas as faixas etárias (Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Universitário).

2.1 A origem da Capelania

Para se entender melhor qual a definição de Capelania, é necessário observar alguns detalhes da história de tal segmento.

Segundo alguns materiais, que alguns autores denominam de fatos reais e outros de lendas, a explicação mais aceitável remete às forças armadas do exército francês. Um sargento chamado Martinho, ao encontrar um homem ferido e abandonado na chuva e no frio, cortou sua capa e o cobriu, num ato de amor, cuidado e solidariedade.

Segundo Cordeiro:

Naquela mesma noite, teve um sonho. No sonho, Jesus Cristo aparecia com a metade da capa que dera ao mendigo. Aquela experiência dizia a ele que entregasse sua vida a Jesus Cristo com objetivo de ajudar a todos os que sofriam. Quando contou o sonho para outras pessoas, ele chamou a metade daquela capa de capa pequena ou “capela”. Essa capa foi preservada, e no sétimo século foi guardada em oratório que, por isso, passou a chamar-se cappella.⁵⁴

Martinho era militar e, após seu sonho, mesmo em estágio de instrução, foi batizado em 339 d.C., com 23 anos, mesmo assim teve que ficar no exército até seus 40 anos. Em uma cidade localizada no centro-oeste da França, ele se tornou discípulo de Santo Hilário de Poitiers, que lhe apresentou e o introduziu à vida monástica e o ordenou diácono. Em 371 d.C, no dia 4 de julho, aos 55 anos de idade, Martinho foi consagrado bispo de Tours.

Martinho veio a falecer aos seus 81 anos, no dia 8 de novembro de 397 d.C, assim se tornando um dos santos mais conhecidos e populares da Europa. O “manto de São Martinho”, tornou-se uma relíquia, guardada e venerada. Segundo dados, os juramentos feitos sobre ela em tempo de guerras era um sinal de proteção na França.

⁵⁴ VIEIRA, Walmir. **Capelania Escolar: Desafios e oportunidades**. São Paulo: Rádio Trans Mundial. 2011, p.

Martinho através de tal ato, marca etimologicamente as palavras em português “capela” e “manto”.⁵⁵ Depois disso ocorreram derivações. Por volta do século XIV, a palavra *cappella* passou a significar qualquer templo destinado ao acolhimento de irmãos necessitados. “Capela” significará, a partir de então, templo cristão destinado a assistência religiosa de grupos específicos de pessoas e comunidades religiosas, em diversos lugares. Passam a existir capelas em universidades, presídios, colégios, castelos, quartéis, conventos, entre outros. E o termo “capelão” e “capelães”, com sua origem *capellanus* e *capallani*, refere-se às pessoas responsáveis pelas capelas e pela assistência espiritual do local.

Ferreira e Ziti⁵⁶ relatam que a história da capela acerca dos anos, seguindo os costumes adotados por São Martinho de Tours, foi carregada como relíquia a campos militares, sendo posta em tendas especiais, A capela se mantinha dentro do reino juntamente com um sacerdote conselheiro dentro, quando não havia guerras.

Relatos apontam que esse hábito foi adotado por Roma também.

Na França, o ofício foi abolido em 1789, mas voltou pelo papa Pio IX em 1857, quando o sacerdote passou a ser chamado de capelão, sendo o líder espiritual do soberano rei e de seus representantes. O serviço de Capelania se expandiu para prisões, colégios, cemitérios e parlamentos.

No Brasil, a Capelania chegou também na área militar no ano de 1858, como uma Repartição Eclesiástica pela Igreja Católica, e na Segunda Guerra Mundial, em 1944, voltou à ativa, como Assistência Religiosa das Forças Armadas. A partir de então foi criada uma Capelania Evangélica, para garantir a presença de Capelães Evangélicos na Força Expedicionária Brasileira (FEB), tendo com destaque o capelão evangélico, nesse período, o Pastor João Filsen Soren, pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Após retornar salvo da guerra, permaneceu pastoreando por cerca de 50 anos, vindo a falecer em 2002.⁵⁷

2.2 Os segmentos da Capelania

Walmir Vieira define Capelania como “uma espécie de espaço do sagrado, de apoio espiritual e ético, e de consolo dentro das instituições que a adotam”.⁵⁸

⁵⁵ ALVES, Gisleno Gomes de Faria. **Manual do Capelão: Teoria e Prática**. São Paulo: Hagnos. 2017, p. 65-66

⁵⁶ FERREIRA, Damy; ZITI, Liswaldo Mário. **Capelania hospitalar cristã**. Santa Barbara d’ Oeste: SOCEP, 2010, p. 37

⁵⁷ FERREIRA, Damy. **Capelania Escolar Evangélica**. São Paulo. Rádio Trans Mundial. 2008. p. 29-30

⁵⁸ SANTOS, Marcio Alexandre de Moraes. **Quando a fé escreve a história: Dicas práticas para um capelão levar esperança a professores e alunos**. São Paulo. Rádio Trans Mundial. 2004. p. 54

Atualmente, no Brasil, há vários segmentos de Capelania. Dentre eles, os mais conhecidos são a Capelania Social, Capelania Eclesiástica, Hospitalar, Militar, Prisional, Familiar, Fúnebre, Infantil, Urbana e Escolar.

A Capelania, como um serviço de apoio e assistência espiritual, visa a orientar o caráter do indivíduo com sua corporeidade, emoções, intelecto e espírito. Tem como missão encorajar e orientar por meio de atividades diversas, aconselhamentos em momentos de dificuldades e crises com o objetivo de levar a esperança e a fé.⁵⁹

A história mostra que o homem tirou Deus do centro da sua vida e posicionou diversas filosofias no seu processo existencial. Movimentos filosóficos surgiram a partir de pensadores que transformaram o intelecto da humanidade. Nomes como Platão, Aristóteles, Sócrates, René Descartes, Friederich Nietzsche, Euclides, Jean Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Blaise Pascal, emergiram questões e problemas em direção ao conhecimento, verdade, existência, linguagem e valores. Abordaram argumentos racionais que direcionaram o homem a problematizar a mitologia e a religião. Definiram métodos com a experiência do pensamento e da argumentação lógica. Assim, o homem se viu, em meio de conflitos, com consequências como a falta de respeito, da ética e a falta de caráter. Pontuando a contemporaneidade e a transformação da humanidade, os valores da criação de Deus se perderam, muito pelo que o próprio homem argumentou e experimentou e, com o vasto conhecimento passou a perceber que a existência divina, sim, tem um significado maior diante da separação que o próprio homem fez com o seu criador. Partindo desse pensamento, é preciso pensar na Capelania em ambientes que formam e constroem sujeitos em desenvolvimento.

A Capelania escolar tem a cada ano angariado espaço nos ambientes institucionais de ensino. E uma das brechas para que ela se efetue está estipulada na disciplina de formação religiosa – Ensino Religioso – matrícula facultativa do currículo das escolas públicas de ensino fundamental, que foi estabelecida através da Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996) e reformulada através de uma nova redação dada pela Lei n 9475, de 22 de julho de 1997.

O artigo 33 da LDB dispõe da seguinte redação:

Art. 33- O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito a diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

⁵⁹ VIEIRA, 2011, p 19

§1- Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2- Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição do ensino religioso.⁶⁰

Já o artigo 19 - Inciso III, com redação dada pela Lei n 9475, de 22 de julho de 1997, discorre da seguinte forma:

Art. 19- Inciso III - (Escolas). Confessionais assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideológica específicas. E também sua importância pode ser comprovada pela Constituição Federal de 1988:

Art. 5- Inciso VI- É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício de cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

Art. 5- Inciso VII- “É assegurada, nos termos da Lei a prestação de assistência religiosa, nas entidades civis ou militares de internação coletiva”

Art. 210- Inciso 1- O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.⁶¹

A prestação de assistência religiosa é prevista por lei, mesmo que facultativa a gestão de cada entidade de ensino tem liberdade, visto a redemocratização do país após a Constituição de 1988, pós regime de Ditadura Civil-Militar, que se preocupou em assegurar a liberdade de pensamento, assim como a liberdade também de foro religioso.

Sendo assim, a instrumentalidade da Capelania pôde fazer parte das instituições de cunho educativo, visando à assistência religiosa a cada indivíduo que a necessitar.

2.3 Perfil de um capelão

Acima pontuou-se algumas urgências que a sociedade sofre. Dilemas que suscitam desafios a qualquer pessoa que anseia em servir na área da Capelania. Para exercer a Capelania, é preciso estabelecer princípios básicos para o cumprimento de tal função. Não basta apenas ser um pastor, ou ter estudado as Escrituras Sagradas, ser graduado em Teologia, ou então realizar cursos que o capacitem para a função. Os aspectos de um capelão vão além do que foi narrado.

O perfil de um capelão tem vários requisitos como, por exemplo: estar sempre pronto para servir, ter o dom da misericórdia, saber respeitar e ouvir, entre outras atribuições.⁶² O que primeiramente define é a pessoa estar convicta do seu chamado, consciente de que servir

⁶⁰ SANTOS, 2014.p. 39.

⁶¹ VIEIRA, 2011, p. 51.

⁶² ALVES, 2017.p. 219

é primordial para cumprir a vontade de Deus. Afinal um capelão estará trabalhando diretamente com pessoas que necessitam de orientação. A formação profissional não o define, o que realmente define é compreensão e o comprometimento da graça que Deus presenteou a pessoa que decide ser capelão.⁶³

Ser vocacionado para ser capelão, trata-se de um ministério específico, que requer responsabilidade. Estar firme em suas convicções é muito importante, pois futuramente enfrentará diversas dificuldades, e por isso ser comprometido, ter um bom testemunho, uma vida com Deus de qualidade pode auxiliar o capelão em sua caminhada vocacional. Durante sua trajetória, ele se sentirá sozinho, com medo, ou em meio a situações desesperadoras. Sua firmeza no chamado outorgado por Deus será sua base, pois ali ele encontrará força para se manter firme e sempre confiando e tendo fé de que Deus está no controle de toda e qualquer situação.⁶⁴

Um capelão precisa ser ético e saber quais os códigos de conduta a serem cumpridos⁶⁵ dentro da profissão.

Ter vida cristã equilibrada é fundamental para todo cristão. Para um capelão não é diferente, pois ele é instrumento usado por Deus para curar pessoas. Sua função é ser como uma ponte que aproxima as pessoas de Deus, auxiliando-as no crescimento da sua fé, a partir disso encontrando esperança e solução para os problemas. Para isso, acontecer, o capelão precisa estar em constante busca por Deus, perto Dele e, cuidando da sua própria alma. Manter seus estudos baseados na palavra de Deus, meditando e aplicando diariamente em suas ações.⁶⁶

Um capelão, como servo chamado por Deus para cumprir a missão de cuidar, dar apoio espiritual e ético, e também consolar aqueles que o procuram, precisa estar ciente de seus compromissos com o outro.

Além do conhecimento bíblico adequado, é preciso vivência, experiência, intimidade com Deus, só através disso o capelão conseguirá amar a Deus de tal forma que será capaz de transmitir com clareza e ao mesmo tempo profundidade, para todos que atende, aquilo que conhece.⁶⁷

⁶³ ALVES. 2017.p. 222

⁶⁴ ALVES, 2017. p. 218-222

⁶⁵ Ver em anexo o Código de ética do capelão escolar.

⁶⁶ ALVES, 2017. p. 220

⁶⁷ VIEIRA. 2011. p.40

Ter o conhecimento atualizado em diversos assuntos, principalmente da natureza humana, o fará participar integralmente do mundo ao seu redor. Conhecimentos sobre política, economia e sociedade são preponderantes aos estudos de um capelão.

2.4 A Capelania escolar propriamente dita

O Brasil sofre dilemas como o aumento da drogadição, da sexualidade exacerbada, da perda do referencial familiar instituído por Deus, o que afeta diretamente a escola, e os adolescentes, em todos os sentidos. Discentes e docentes sofrem os dilemas apresentados, diariamente a eles.⁶⁸

Para tanto, há urgência na atuação de um trabalho de Capelania nesse espaço. Seja ele uma escola regular ou de nível superior.

Hoje há escolas confessionais onde o capelão tem liberdade de exercer suas funções, há também as escolas públicas que já limitam a prática de Capelania, visto que o Brasil é um estado laico⁶⁹, ou seja, ele independe de ordens confessionais é apenas centrado na vida civil. Para tanto, o trabalho de capelão dependerá da gestão escolar. Se a coordenação assim desejar, a assistência religiosa é amparada por lei e pode ser usufruída livremente por aqueles que assim desejarem.

O trabalho a ser exercido nas instituições de ensino vai ao encontro das fragilidades do local. Um capelão pode atuar através de aconselhamento, palestras, atividades em datas especiais, sempre e onde as maiores necessidades são apresentadas pelas escolas.

Exemplos não faltam para justificar tal atividade. Vamos a alguns deles. Um capelão que trabalha com a faixa etária como adolescentes, antenado e sempre em busca do conhecimento do mundo deles, percebe as “ondas” por quais eles são atropelados diariamente. O que está acontecendo no mundo é pauta de estudo do capelão.⁷⁰

Estar por dentro do que está acontecendo no contexto da juventude atualmente que a cada ano vem mudando, e a cada momento tem algo novo que na maioria das vezes não é algo bom para eles como o tal “Jogo da Baleia Azul”, que teve seu início na Rússia e foi febril em 2017. Tal jogo estimulava crianças e adolescentes a fazer 50 atividades diárias; chegando ao

⁶⁸ SANTOS, Marcio Alexandre de Moraes. **Manual de Instrução do Capelão Escolar**: fazendo a diferença no ambiente escolar. São Paulo: Trans Mundial, 2008, p. 13-15

⁶⁹ Laico que segundo o dicionário Houaiss é aquele que não pertence ao clero, nem uma ordem religiosa, leigo.

⁷⁰ VIEIRA, 2011, p. 39-40

seu final, na última prova, suicidava-se. Infelizmente esse jogo teve vítimas não somente suicidas, mas também automutiladas, desvalorizando a preciosidade da vida.⁷¹

O último ataque às nossas crianças e adolescentes (agosto/2018) foi da boneca “Momo”, uma boneca que envia mensagens aterrorizantes através do *WhatsApp*, com desafios para quem recebe, boneca com imagem assustadora, de olhos grandes. Assim como a Baleia Azul, ao final leva a criança e/ou adolescentes a tirar sua própria vida, e mais uma vez, infelizmente, também teve vítimas no Brasil. Estar atento a situações como essa e na observação do comportamento deles é muito importante.⁷²

Sendo assim, é plausível afirmar que a Capelania Escolar é um segmento de ação que vem acolher as situações urgentes da sociedade, principalmente ao que diz respeito às instituições escolares. Vieira afirma que:

(...) capelania escolar é um dos ramos da capelania, voltada para a ação pastoral dentro das escolas (infantil, fundamental, média e universitária). É a fé se concretizando no dia-a-dia da escola através dos atos solidários, na presença amiga quando se enfrenta as dores da alma e no levar a mensagem de Cristo. Por diversas razões, o oferecimento de serviço de capelania parece encolher ou ser menos presente a cada década, não obstante aumentarem a necessidade dele e crescerem os desafios que as escolas enfrentam, os quais a capelania muito ajudaria a enfrentar. Os desafios aumentam, mas, ao mesmo tempo, os fatores intimidadores ou limitadores para uma ação pastoral mais efetiva também crescem. A crítica parece generalizada no mundo evangélico: as escolas cristãs não estão cumprindo o aspecto de sua missão evangelizadora e pastoral, que estava na gênese de sua criação e no sonho dos pioneiros que as fundaram, e que as diferenciavam das outras escolas seculares.⁷³

Ou seja, em seu conceito principal a Capelania Escolar vai ao encontro das necessidades elencadas acima.

2.4.1 As funções dos capelães escolares

A Capelania escolar tem várias funções, algumas das vezes ela é confundida como orientação pedagógica, algo que não pode acontecer pois assim perde a finalidade principal de ação:

Não é função da Capelania cuidar da disciplina da escola, embora participe dos debates e contribua o máximo que pode; não é função da Capelania

⁷¹ MAREZIA, Jonathas. **Baleia Azul**: jogo mortal que vira febre e acende alerta de pais em Alagoas. São Paulo. 12 de abril. 2017. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2017/04/baleia-azul-jogo-mortal-vira-febre-no-brasil-e-acende-alerta-de-pais-em-al_31394.php>. Acesso em 19 set. 2018

⁷² MENGUE, Priscila; TORRES, Aline. **Boneca Momo reacende debate sobre a segurança infantil na web**. São Paulo. 29 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/boneca-momo-reacende-debate-sobre-seguranca-de-criancas-na-internet,e93f2641736c4f504edca43cfbcda33enkltxa59.html>>. Acesso em: 19 set. 2018

⁷³ VIEIRA, 2011, p. 18.

cuidar de questões ligadas ao Departamento Pessoal, embora possa ajudar na orientação de algum processo; não é função da Capelania fazer orientação pedagógica, embora esteja sempre disposta a ajudar naquilo que for necessário, etc.⁷⁴

Ou seja, o capelão escolar precisa ter plena consciência de suas funções. Cordeiro, em sua obra, realiza uma entrevista com seis capelães, indagando as funções de um capelão escolar, e as respostas foram as seguintes:

Cuidar da confessionalidade da escola; aconselhar—“visitar os enfermos - confortar e consolar nos momentos de perda- dirigir os cultos diários e os especiais(Páscoa, dia das mães, dia do Pais, etc.)- conduzir e supervisionar as aulas de Ensino Religioso, Filosofia Cristã e as Assembléias dos alunos, etc. (Rubens Eduardo Cordeiro);Coordenar o trabalho de Educação Cristã - auxiliar a direção da Unidade (principalmente nas questões relacionadas a Filosofia da Escola) - atender e orientar famílias, funcionários e alunos (José Paulo);Aconselhar, orientando alunos, familiares de alunos e funcionários - auxiliá-los espiritualmente - viabilizar momentos para que ouçam a mensagem bíblica - confortá-los em momentos necessários (luto, separação familiar, enfermidades, etc.)- Possibilitar a interação e a boa relação entre escola e família(Lerson); Educar, confortar, atender espiritualmente a comunidade escolar(HelioSpyer).⁷⁵

Ao que tudo indica, os profissionais atuantes, entrevistados por Cordeiro, compreendem bem seu papel. Para reafirmar tal questão Marcio Alexandre, em sua obra “Quando a fé escreve a história”, descreve a função de um capelão na prática do dia a dia, como um exemplo a ser configurado na vida do capelão.

O amor de Deus deve ser demonstrado através das atividades e palavras do capelão, uma das características de cristão demonstrar o amor o de uma maneira sincera e simples está em um simples: Bom dia, seguido de uma sorriso, o autor cita o Pastor Francisco Mancebo Reis, professor de língua portuguesa e Novo Testamento do Seminário Batista Mineiro, pela sua forma de tratar as pessoas desde da maneira de olhar até o espírito manso ao cumprimentar com um aperto de mão.⁷⁶

Estar na escola, atuar como capelão, carregar os estigmas dessa configuração requer sabedoria em todos os momentos, afinal ele está ali como um exemplo, como um assistente religioso, e como um indivíduo sábio, compreensivo, um bom exemplo a ser seguido.

A Capelania nas escolas pode ser dividida em seis funções fundamentais, baseadas biblicamente:

2.4.2 Alegrai-vos com os que se alegram (Rm. 12.15)

A alegria e celebração, tanto no individual como no grande corpo docente, somos chamados para nos alegrar com aqueles que se alegram. Em datas comemorativas, contra os valores cristãos, vai depender da sabedoria do capelão expor as verdades bíblicas, sem impor

⁷⁴ VIEIRA, 2011, p. 27.

⁷⁵ VIERA, 2011. p. 27-28

⁷⁶ SANTOS. 2014. p. 65

nada, mas agindo com respeito à escola. O capelão pode auxiliar a escolas nas festas, orientando de maneira saudável, sempre visando ao crescimento espiritual, intelectual e social dos presentes. Ser otimista e bem-humorado, e se fazer presente em diversas datas cívicas e especiais. Também essa alegria deve transparecer no individual, no tratamento com todos, pois pessoas assim alegram o ambiente.⁷⁷

2.4.3 *Chorai com os que choram (Rm. 12.15)*

Billy Graham afirmou: “Ria. E o mundo inteiro rirá contigo. Chore. E você chorará sozinho”⁷⁸ No meio escolar, as lágrimas são pouco visíveis, muitos sofrem calados desde alunos, corpo docente e famílias. Essa função na Capelania escolar é a maneira na prática de capelão pode trazer consolação a um coração que chora, através do amor de Deus. O Mestre do Mestre nos ensinou isso na morte de Lázaro em João 11.33. Jesus comovido ao ver Maria chorando e as pessoas em sua volta também, chorou, pois amava Lázaro, Jesus praticou o amor fraternal que a Bíblia ensina, de ser sensível ao sofrimento do outro.⁷⁹

2.4.4 *Um pastor preocupa-se com suas ovelhas (Zc. 11.16)*

Nessa passagem Deus envia uma profecia de juízo contra Israel, sobre pastores infieis e insensatos, que não iria cuidavam do seu povo, por falta de amor por suas ovelhas. Nossas escolas estão cheias de ovelhas perdidas, com fome, machucadas devido à caminhada sem seu guia. Quem está procurando por elas? O trabalho de cuidar das pessoas e bíblico, nada nos impede desse cuidado no ambiente escolar.⁸⁰

2.4.5 *Fazer o bem para não pecar (Tg. 4.17)*

“E não nos cansemos de fazer o bem, pois seu tempo ceifaremos, se não desfalecemos (...) Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gl. 6.10).

Outra função da Capelania e sempre estar disposto a fazer o bem, pois isso é bíblico, compromisso de servir e praticar o bem e perceber a necessidade do próximo, e dar sempre o nosso melhor, sem desistir ou desanimar, apesar da situação.⁸¹

⁷⁷ FERREIRA, 2012, p. 21

⁷⁸ GRAHAM, Billy. **O Segredo da Felicidade**. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 18

⁷⁹ FERREIRA, 2012, p. 25

⁸⁰ FERREIRA, 2012, p. 26-27

⁸¹ FERREIRA, 2012, p. 28

2.4.6 *Ensino produz maturidade (Pv. 22.6)*

Transmitir valores desde cedo. O rei Salomão no texto acima, estava preocupado com as futuras gerações, pois seriam a continuidade de seu povo. Diante disso, devemos seguir ensinando com perseverança, pois, ensinando a verdade, isso ecoará para eternidade. Na Capelania, valores éticos e morais para crianças e adolescentes são ensinamentos baseados na Palavra de Deus, que plantados desde cedo, no momento certo irão brotar. A escola é um campo que precisa ser alcançado, onde crianças e adolescentes estão, dando assistência a elas consequentemente as famílias são ajudadas.⁸²

2.4.7 *Conselheiros sábios (Pv. 11.14)*

Pessoas precisam de conselhos sábios, pois ao contrário, os maus ensinamentos podem levar à ruína. Hoje não é diferente principalmente no ambiente escolar. Vimos um corpo docente sem direção, alunos e professores desanimados e sem esperança que na escola encontram no capelão com sábios conselhos e consolo, que independentemente da situação, consegue ver a luz no final. Um capelão tem seus conselhos alicerçados na Bíblia e no temor no Senhor e quando tiver a possibilidade de estar orando junto com a pessoa que for atendida, estará ajudando-a e não a arruinando.⁸³

2.5. Resiliência, empatia e compaixão

A palavra resiliência tem aparecido em vários lugares. Em livros, redes sociais, entre outros. Seu significado, de acordo com o dicionário Houaiss:

Voltar ao estado normal, e é um termo oriundo do latim *resiliens*. Resiliência possui diversos significados para a área da psicologia, administração, ecologia e física. Resiliência é a capacidade de voltar ao seu estado natural principalmente após alguma situação crítica e fora do comum.⁸⁴

No trabalho de um capelão, essa característica faz toda a diferença, pois certamente o capelão enfrentará situações difíceis de resolver e superar, e a pressão e as críticas certamente poderão desestabilizar. Ter a capacidade de voltar ao equilíbrio normal diante de crises e problemas ajudará desempenhar sua função, mantendo o equilíbrio e a ordem.

Já a empatia tem a sua origem em duas palavras gregas: *pathos*, que significa sentimento, e *in* significa para dentro. Então, empatia significa capacidade de compreender as emoções e sentimentos das outras pessoas, colocar-se no lugar do outro⁸⁵. Em Romanos 12.

⁸² FERREIRA, 2012, p. 29

⁸³ FERREIRA, 2012, p.31

⁸⁴ KOOGAN, 1998, CD-ROM.

⁸⁵ FERREIRA, 2012, p. 31.

15 diz: “Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram” (Rm. 12.15). Servindo de apoio e consolo em momentos de alegria ou tristeza, e protegendo a pessoa, ela se sentirá segura em compartilhar tudo e saberá que o outro será um refúgio e, certamente irá procurar o capelão não somente quando estiver passando por problemas.

A compaixão significa:

Compaixão é um sentimento típico de seres humanos e que se caracteriza pela piedade e empatia em relação a tristeza alheia. A compaixão desperta a vontade de ajudar o próximo a superar os seus problemas, consolando e dando o suporte emocional. Uma pessoa que tem compaixão ao próximo é aquela que consegue compreender o estado emocional alheio e ter dó de sua condição, desejando que esta consiga superar e aliviar o seu sofrimento.⁸⁶

Como relatado, a história da Capelania, através do exemplo de Martinho de Tours, onde “estabeleceu o princípio que rege a atitude de um capelão e a Capelania, ou seja, o exercício da compaixão e a presença do sagrado”. Ivanaldo complementa a reflexão, declarando que:

O sagrado e a compaixão são elementos intrínsecos ao trabalho do capelão, não sendo possível conceder uma Capelania sem que os [estes] estejam presentes. O sagrado remete ao transcendental e aproxima a criatura do Criador, enquanto a compaixão é o motor de toda a estrutura da Capelania, pois os capelães são movidos pelo profundo amor ao próximo.⁸⁷

Levar alguém para mais perto de Deus é uma missão linda e, com o capelão, o sentimento de compaixão deve caminhar alinhado, pois é preciso enxergar o próximo com o amor de Deus.

2.6 Amor e/ou paciência pelo adolescente

Um capelão é um discípulo de Jesus. Além de ter a característica de obediência aos ensinamentos da Palavra de Deus, um seguidor de Jesus tem o amor, como mandamento, como está em João 13.34,35, onde um novo mandamento foi dado e também de amar uns aos outros em João 15.12,17. O amor é a marca de todo cristão.⁸⁸

O trabalho com adolescentes, na visão de muitos, é laborioso. Porém, o cuidado deve falar mais alto. Ter paciência é a chave para um bom trabalho, para um bom diálogo, para um bom desenvolvimento.

Segundo o dicionário Houaiss, paciência é uma “virtude que consiste em suportar os dissabores e infelicidades; resignação” é a “capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; constância, perseverança, calma para esperar o que

⁸⁶ Dicionário informal de significados da *internet*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/comaixao/>>. Acesso 19 out. 2018.

⁸⁷ ALVES, 2017.p. 226

⁸⁸ COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 22.

tarda”.⁸⁹ Diante do exposto, um capelão, buscando ter um contato, tanto individual como em grupo, precisa estar ciente que nem sempre o outro será receptivo, para uma conversa. Aí a virtude da paciência, é necessário, buscando alçar um caminho no contato a ser realizado.

Ouvir é umas das principais ações que um adolescente anseia em alguém. Por ter essa falta em casa ou outras razões a serem investigadas, ele almeja alguém que simplesmente o ouça, e entenda o que ele está passando, e assim o oriente da maneira correta. Segundo Collins:

Quando ouvimos, fica mais fácil compreender os outros e seus problemas. Mas ouvir faz ainda mais. Produz harmonia com o aconselhado, mostra que temos interesse e demonstra que estamos realmente, dispostos a compartilhar o fardo uns dos outros (Gl 6.2; Tg 1.19). Em geral, o próprio ato de ouvir pode ser útil porque dá à outra pessoa oportunidade para conversar livremente sobre um problema e expressar em palavras o que está sentindo e pensando.⁹⁰

O adolescente tem a necessidade de se sentir seguro, e o fato de ele saber que junto ao trabalho de Capelania, ele será ouvido e encontrará o suporte necessário é válido e relevante. O capelão, depois de ouvi-lo, precisa acompanhar, demonstrar interesse, orar, pensar e buscar soluções para a vida daquele adolescente. Amá-lo e fazê-lo se sentir amado.

⁸⁹ KOOGAN, 1998, CD-ROM.

⁹⁰ COLLINS, 2005, p. 52

III. CAPELANIA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA

Nesse capítulo será apresentado primeiramente o papel da igreja na busca do indivíduo na sua integralidade e sua responsabilidade social, juntamente com a Missão Integral. Em seguida, sugestões práticas de como a igreja pode se envolver e trabalhar em parceria com a Capelania Escolar.

3.1 A individualidade do ser humano na era digital e a urgência da igreja pela busca do sujeito integral

Retomando os escritos apresentados no primeiro capítulo, depreende-se que se vive numa sociedade crescente, onde, por questões como a criminalidade, o sentimento de desigualdade, de impunidade e a falta de segurança, transformam-se os indivíduos na atualidade. Eles têm se concentrado em seu âmbito privado, onde essa individualidade se torna uma forma de autopreservação.

Agregando às problemáticas discorridas acima e contribuindo para o aumento da mesma, estão os meios de comunicação, e o crescente uso deles traz as pessoas o sentimento de não requererem contato físico, para relacionar-se com o mundo exterior, o que também contribui para a crescente falta de relacionamentos interpessoais e o aumento exagerado do isolamento social.

Rei descreve o crescimento dos meios de comunicação:

Com a criação dos *sites*, dos *chats* e dos *sites* de relacionamento, rapidamente o computador deixou de ser um instrumento de trabalho e passou também a ser um pedacinho do próprio homem. Um lugar onde se expressam ideias, onde se expõe sentimentos, se compartilham paixões.⁹¹

Várias mudanças aconteceram na sociedade, nos últimos anos, decorridas do avanço das tecnologias. Podemos perceber, sem muito esforço, que tivemos mudanças extraordinárias com este avanço. A humanidade mudou sua forma de pensar, seu comportamento, seu estilo de vida e sua visão global. Hoje as tecnologias proporcionam conhecimento em tempo real de notícias, que geram transformações, em sua maioria, quase imediata no cotidiano de todos.

Contudo, logo este objeto (o computador) se transformou, com aparelhos celulares de última geração, *tablets*, *iphones*, entre outros; canais para as separações dos seres em seus cotidianos mais comum; como o seio familiar, por exemplo – lugar onde o ser humano experimenta vivências e suas variadas emoções, o que servia para a construção de seu caráter. É no seio familiar que rotinas se estabelecem, e constroem laços. O que está deixando de acontecer, conforme disposição feitas nos escritos do primeiro capítulo, ao passo que a

⁹¹ REI, V. *Ladrões de Adoração*. São Paulo: Ágape, 2011, p. 27.

realidade é um membro da família em cada peça da casa, comunicando-se por aplicativos. Como a igreja pode trabalhar em meio a essa individualidade constituída pelos ciberespaços?

Abrindo um parêntese ao convívio familiar, a *internet* não pode e nem deve ser tachada como a vilã pela falta de comunicação entre pais e filhos. O que acontece é que a globalização atingiu em cheio as famílias, forçando a rotina familiar a um ritmo acelerado, no qual pais e os filhos têm suas rotinas assoberbadas de tarefas, sobrando pouco ou nenhum tempo para a comunicação familiar.

Como forma de advertência, é necessário frisar que a comunicação é uma construção de participação mútua, mas de responsabilidade maior dos pais e/ou cuidadores.

Índices apontados em investigação realizada pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a falta de diálogo entre as famílias favoreceu com que 70% dos brasileiros não supervisionem os deveres de casa das crianças, mais de 40% não saibam o que elas fazem no tempo livre e 25% desconheçam que o filho tenha faltado às aulas.⁹²

Essa falta de interação sobre a rotina dos filhos ainda é brecha para grandes malefícios; os mais novos, e consideravelmente os adolescentes, não desenvolvem suas habilidades de relacionamento interpessoal e ficam expostos a crimes virtuais, como a pedofilia, e aos perigos ocultos da *internet*. Se, de um lado, a *internet* permite ampliação da construção do seu 'eu' (pelo rico conhecimento que fornece), de outro lado o indivíduo precisa do contato presencial para ter uma boa evolução cognitiva. Existe uma linguagem visual, existe uma linguagem de afetividade e tudo isso é muito importante para a saúde mental. É extremamente importante conviver pessoalmente com quem está ao nosso redor, para uma boa construção e evolução de caráter e personalidade.⁹³

O homem é um ser em evolução, em sua essência natural tendência a sair do egocentrismo. Como seres humanos, temos a necessidade de pertencer a um determinado grupo social, seja no trabalho, família, escola, igreja – e tantos outros espaços.⁹⁴

Uma família sem diálogo, não se comunicando apesar de estarem juntos, é uma situação extrema de solidão no grupo familiar.

Muitos têm compulsão pela *internet*. As pessoas não vivem sem ela. O nível de isolamento tem se agravado consideravelmente em função disto, as pessoas têm se isolado do mundo presencial, conectando-se cada dia mais e distanciando-se do mundo real, prejudicando-se e desencadeando, em alguns casos quadros depressivos. A compulsão pela *internet* é um dos males da atualidade, que

⁹² Material disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf> >. Acesso em 23 out. 2018.

⁹³ BORGES, 2017, *passim*.

⁹⁴ BORGES, 2017, *passim*.

sobreveio com a modernidade em casos extremos, tira do indivíduo a oportunidade de se socializar e vivenciar experiências agradáveis, saudáveis e imprescindíveis, para a construção do ser humano e suas capacidades emocionais, sociais e motoras.

Uma pesquisa realizada por uma empresa de segurança e ameaças online mostra que mais da metade, 53% dos brasileiros, passam mais de 6 horas por dia conectados.⁹⁵ Em alguns casos extremos pode agravar-se para um quadro de fobia social, quadro extremamente preocupante, de dissociabilidade do ser.

Como explica Lopes:

A fobia social – é um transtorno de ansiedade que é caracterizado pela extrema aflição diante de situações em que a pessoa sente-se avaliada por outros. As situações sociais temidas podem ser variadas, como escrever na frente dos outros, falar em público, comer em locais públicos, entrar em lugares cheios, ir a um evento social, fazer uma entrevista de emprego, encontrar um conhecido, etc. Dependendo da intensidade do problema, a pessoa isola-se e não consegue mais sair de casa.⁹⁶

Em alguns casos, o isolamento, resultante da individualidade promovida por inúmeros fatores, não é perceptível, nem visto como prejudicial, a ponto de diagnosticar-se uma fobia apenas o fato de sentir não sentir o desejo de se relacionar de outra forma – que não seja pelas redes sociais, deve ser preocupante e devemos buscar os motivos e alternativas para a mudança deste quadro.

O aumento da criminalidade, acrescido pelo aumento da população urbana, potencializa o sentimento de necessidade de proteger-se, somado ao fácil acesso e comodismo que a *internet* e meios de comunicação acarretam, para a sociedade, sutilmente, quase imperceptível, mas de forma acelerada, desencadeando um desejo nos indivíduos, “aparentemente saudável” de isolar-se.

É mais fácil não se expor e não vivenciar os possíveis dissabores que as relações interpessoais podem oferecer.

Quando as pessoas não gostam de algo, basta um clique para se mudar de tela, basta um “*Ctrl+c/Ctrl+v*”, selecionam e colam aquilo que desejam, e em apenas um “*Del*” tudo se apaga; “arquivo novo” e é possível recomeçar. Nas páginas das redes sociais, cada um é o que deseja ser, afinal o parecer ser é mais do que ser. Um exemplo são as mensagens de texto não são necessárias expor emoções, e cada um deixa visível apenas o que acha agradável, uma amostra configura-se no aplicativo de mensagens do *WhatsApp*. Basta configurar o aplicativo

⁹⁵ Material disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/internet/130347-metade-brasileiros-passa-6-horas-dia-internet-diz-eset.htm>>. Acesso em: 23 out. 2018.

⁹⁶ LOPES, Jamiel de Oliveira. **Psicologia pastoral**. 3. ed. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017, p. 85.

para tal tarefa.

Este sentimento de total controle, na ponta de nossos dedos, apenas ao toque das teclas de nossos computadores, celulares, *iphones*, seduz, como também prejudicial e destrói.

O ser humano necessita de convívio, de toque, de sensações, para construção de seus sentimentos, pensamentos e mentalidade saudável.

Definido por Lopes:

[...] o ambiente familiar, que, quando não é sadio, pode provocar sentimento de insegurança e angústia na criança. Pesquisas confirmam a teoria freudiana de que a experiência da primeira infância é um fator determinante e eficiente do comportamento adulto. Um dos determinantes básicos na formação da personalidade pode ser as atitudes dos pais com relação a criança. Algumas dessas atitudes podem ser positivas, contribuindo para um melhor desenvolvimento da personalidade do filho; outras, porém são negativas, prejudicando esse desenvolvimento.⁹⁷

Nem sempre as relações pessoais são prazerosas, mas com certeza todas as relações interpessoais foram, são e serão proveitosas para a construção do ser, do intelecto e do estado emocional do indivíduo. Quando as pessoas não se relacionam, perdem oportunidades únicas, pois o tempo não volta atrás, vivenciar situações que servem para a construção de valores inimagináveis, a nós mesmos e para nossas gerações. Há outro passo, e por consequência da globalização, a individualização de vida do ser humano já é uma realidade.

Os relacionamentos estão mais fragmentados, fragilizados e, com o passar do tempo tornam-se, escassos ou inexistentes.

Bezerra declara que:

O evangelho ensinado e pregado por Jesus tem origem divina — sua inspiração é sobrenatural, uma revelação da parte de Deus a favor do ser humano perdido em seus delitos e pecados. Portanto, os aspectos sociais do Evangelho devem ser levados em conta, pois o que consolida a ação evangélica é o serviço cristão: atender aos pobres, aos estrangeiros, dar consolo para os que sofrem e nunca se esquecer das crianças. Jesus é o referencial teórico e prático para a realidade do Evangelho integral.⁹⁸

Uma igreja vital não é aquela que apenas olha para dentro, ela também olha para fora e procura servir aos outros em nome de Jesus.

Não é difícil nem necessário fazer esforços para perceber que a comunicação está cada vez mais eletrônica, em nossas vidas, causando não apenas transtornos relacionais, mas também à saúde.

Almeida define o assunto:

De acordo com o cardiologista Dean Ornish a verdadeira epidemia da nossa cultura

⁹⁷ LOPES, 2017, p. 69.

⁹⁸ BEZERRA, C. **Pastoral Urbana**. Curitiba: Intersaberes, 2017, p. 30.

não é apenas a doença física do coração, mas também o que ele chama de doença cardíaca emocional e espiritual. Esta doença se caracteriza por uma profunda sensação de solidão, isolamento e de depressão que se tornam comuns hoje em dia devido ao colapso das estruturas sociais. Antigamente as pessoas encontravam apoio umas nas outras e tinham um senso de conexão e de comunidade. Quando as pessoas não experimentam o sentimento de comunidade e união, elas desenvolvem padrões autodestrutivos que acabam prejudicando o coração.⁹⁹

Este colapso das estruturas sociais deságua justamente da falta de relacionar-se. Há desconstrução de valores e males psicossomáticos aparecem: doenças de cunho emocional agravam o problema.

Quando relacionamentos são geridos, as pessoas sentem-se mais próximas da estrutura inicial, preestabelecida por Deus, para nossas vidas. Conforme o que está escrito, em Gênesis, capítulo 1, versículo 28, “Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem! Enchem a terra! (..)”.¹⁰⁰

Somos seres relacionais, vivemos em relação com o mundo a nossa volta, com as pessoas que nos rodeiam, e conosco convivem o tempo todo.

A percepção de mundo, e a forma com que nosso desenvolvimento psicossocial é construído, dependem dos experimentos relacionais que temos ao longo da vida.

Conforme Lopes:

O processo de socialização é gradativo, desenvolvendo-se de acordo com cada fase evolutiva. Hilgard e Atkinson (1976) apresentaram um novo quadro demonstrativo de oito estágios de desenvolvimento psicossocial, proposto por Erikson: do nascimento ao fim do primeiro ano, os raios de relações significativas são a pessoa materna; durante o segundo ano, os pais; do terceiro ano ao quinto ano, a família básica; do sexto ano até o início da puberdade, a “vizinhança” e a escola; na adolescência, grupos de colegas e grupos estranhos, modelos de liderança; no início da vida adulta, companheiros de amizade, sexo, competição, cooperação, ; quando jovem adulto e de meia-idade, trabalho e realização; no fim da vida adulta, “humanidade”, “minha classe”.¹⁰¹

A forma como as pessoas se relacionam afeta diretamente a qualidade de vida que tem. Muitas vezes tais interações não são agradáveis e prazerosas e podem ser fontes de sofrimento.

Como diz na Bíblia, em Eclesiastes 4. 9-10 “É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se”.¹⁰²

⁹⁹ ALMEIDA, Ana Maria de Brito. **Os Radicais Livres da Alma**. Identidade Produções: Rio de Janeiro, 2017, p. 103-104.

¹⁰⁰ REESE, E. (Ed.). **A Bíblia em Ordem Cronológica, Nova Versão Internacional** São Paulo: Vida, 2003, p. 4.

¹⁰¹ LOPES. 2017, p. 36.

¹⁰² THOMPSON, F. C. **Bíblia Thompson**. 2. ed., vol. 1. São Paulo. Vida, 2010, p. 604.

Por mais conflitantes e desgastantes que sejam os relacionamentos, é preciso apostar “nossas fichas” neles. Pois quando há relacionamento, permanece-se em constante aperfeiçoamento, aprendizado e desenvolvimento. O ser humano encontra-se, quando se acha no outro, e ambos acham-se em Deus.

A construção do ser não pode ser subjugada à sistemática dos fatores que causam o individualismo, mas deve ser construída a partir de vivências de relacionamentos interpessoais. O ser humano necessita de um relacionamento contínuo com seus semelhantes. Ninguém nasceu para viver isoladamente como uma ilha, mas, para conviver com outras pessoas. Ao criar o homem, o próprio Deus falou: “Não é bom que o homem esteja só” (Gênesis 2.18). O ser humano é resultado das características inatas e das experiências vividas, ao longo de sua jornada.

A Bíblia mostra a importância do cultivo e conservação de boas amizades: “Em todo o tempo ama o amigo, e na angustia nasce um irmão”. (Provérbios 17.17). A palavra de Deus está recheada de exemplos, de como os relacionamentos interpessoais são fundamentais e construtivos.

Segundo Lopes:

Jesus foi o mestre nas relações humanas. Além do exemplo que deu com suas atitudes, Ele ainda se preocupou em ensinar os homens a terem boas relações entre eles. Ao responder a um doutor da lei sobre o maior de todos os mandamentos, Ele acrescentou isto à nossa relação com Deus: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Mc 12.31). Jesus mostrava que esse mandamento resumia as três prioridades máximas da vida: a responsabilidade para com Deus, a responsabilidade para consigo mesmo e a responsabilidade para com os outros. “*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. [...] Amarás o teu próximo como a TI mesmo*” (Mt. 22.37,39).¹⁰³

A partir deste pensamento, a implantação da Teologia da Missão Integral (TMI) nas igrejas, como base para o resgate e a inclusão de indivíduos que estão em fase desconstrutivas, e no caso especial dessa pesquisa os adolescentes, indivíduos que se encontram individualizados prejudicialmente, torna-se poderosa e eficaz, pois a TMI tem um olhar preocupado com as ações da igreja, no âmbito espiritual, social e moral. A proposta da Teologia da Missão Integral não é apenas o estabelecimento da igreja eclesial: há uma preocupação com os membros, com o bairro, com a cidade. Visando, assim, à relevância da igreja, em seu contexto total; qual melhor lugar para manter-se conectado com

¹⁰³ LOPES, 2017, p. 211.

relacionamentos, do que no âmbito da igreja? ¹⁰⁴

Apesar do descrédito que a comunidade eclesial tem agregado nos últimos anos, existem muitos líderes fiéis e com uma crescente preocupação acerca da estrutura do ser humano. Visando o fortalecimento dos mesmos, em Deus, e acreditando que a transformação da sociedade é decorrente justamente deste ser que apesar de único. Deve se tornar comum (social), para gerar a empatia necessária a dor dos outros, e juntos construir uma realidade fundamentada nos princípios estabelecidos por Cristo ainda na igreja primitiva.

Instiga-se a necessidade de reflexão para efetivação de mudanças, para que haja um fortalecimento nas raízes já plantadas nos corações de muitos, pelo Pacto de Lausanne, e que estão desabrochando nos frutos da TMI.

Reflexão esta explanada claramente por Bezerra:

A pergunta que se faz necessária é a seguinte: Para onde os pastores e os líderes cristãos estão levando a igreja? Reconhecemos que muitos problemas da sociedade são resultados de políticas inadequadas de governos que não levam em conta o indivíduo nem prezam a família. No entanto, como cristãos, não podemos esperar iniciativas governamentais.¹⁰⁵

Bezerra aborda em seu livro, a Missão integral e a sua eficácia, que embasada na Palavra de Deus, e motivada pelo chamado “espírito de Lausanne”, norteiam as inspirações de muitos líderes cristãos da atualidade, onde o evangelho todo, deve ser pregado para o mundo todo e a todo homem, na integralidade da palavra “ser humano”.

Segundo Ramos:

Sendo assim, a partir da Igreja os paradigmas do Reino dos Céus devem ser vividos, e aí a Igreja, como uma das protagonistas da história, precisa ser proativa e sinalizar a presença do Reino a partir de todas as suas possibilidades, e influenciar o mundo com os padrões do Reino de tal maneira que, guardadas as devidas proporções, o mundo se torne o mais parecido possível com o Reino vindouro. E isso vai significar a chegada da paz, da igualdade, do direito, da responsabilidade moral, de uma sociedade sem classes, de uma sociedade justa, de uma sociedade igualitária, solidária, isso é a pregação da Teologia da Missão Integral.¹⁰⁶

¹⁰⁴ A Teologia da Missão Integral, tem suas raízes inspiradas no Pacto de Lausanne, Suíça, 1974, que apesar de ter se tornado um movimento inspirador gerou movimentações após Lausanne, que foram pouco significativas, discorrendo em uma formação de igrejas pouco relevante na sociedade contemporaneidade. O Pacto de Lausanne aborda os seguintes temas: propósito de Deus; a autoridade e o poder da Bíblia; a unicidade e a universalidade de Cristo; a natureza da evangelização; a responsabilidade social cristã; a igreja e a evangelização; a cooperação na evangelização; o esforço conjugado de igrejas na evangelização; a urgência da tarefa evangelística; evangelização e cultura; educação e liderança; conflito espiritual; liberdade e perseguição; o poder do Espírito; e o retorno de Cristo. LONGUINI NETO, Luis. **O novo rosto da missão**. 1.ed. vol. 1. Ultimato, 2002, p. 76.

¹⁰⁵ BEZERRA, 2017, p. 95.

¹⁰⁶ RAMOS, A. (2014). **A teologia da missão integral e o marxismo**. Disponível em: <<http://ariovaldoramosblog.blogspot.com.br/2014/03/a-teologia-da-missao-integral-e-o.html>>. Acesso em 21 de out. de 2018, s.p.

A igreja deve ser o agente de inclusão e não da exclusão, buscando sempre exercer o seu chamado ao cuidado, ao serviço, entendendo que Cristo é seu maior exemplo de Missão Integral. Onde isto é estabelecido, os paradoxos são descortinados, as possibilidades de influenciar a sociedade são de proporções celestiais.

A consciência do ser humano torna-se pertinente ao Reino de Deus, a construção de valores é determinada. E mesmo que a população mundial seja crescente, a inclusão faz com que o indivíduo torne-se um agente promovedor de ações que diminuirão a marginalidade, por conseguinte há diminuição da criminalidade; oportunidades são criadas, e sentimentos são compartilhados, construindo assim uma sociedade mais socializada, preocupada uns com os outros, gerando um sentimento de responsabilidade na mudança do todo.

Conforme Thompson:

Não atente cada um somente ao que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não considerou que ser igual a Deus era algo ao qual devia se apegar; mas a si mesmo se esvaziou, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. (Filipenses 2.4-7)¹⁰⁷

A busca incessante em saciar o eu, esbarra no que a palavra de Deus diz, e nos propósitos que Deus tem para sua igreja.

Conforme Lausanne “confessamos, envergonhados, que muitas vezes negamos o nosso chamado e falhamos em nossa missão, em razão de nos termos conformado ao mundo ou nos termos isolado demasiadamente”.¹⁰⁸ É clara a necessidade de uma intervenção, não fácil, não rasa e nem mesmo superficial da igreja em relação ao isolamento do ser humano.

A TMI tem por finalidade a inclusão, promovendo ações sociais, fazendo o indivíduo se sentir útil, não apenas para sua igreja, mas também para sua família, rua, escola, bairro ou cidade as possibilidades são infinitas. O olhar de preocupação da igreja deve ser futurista, abrangente em todos os seguimentos, desengessando o evangelho, tornando-o verdadeiro e eficaz. Um plano elaborado para a inclusão deve-se ser administrado. Pois quando mesmo que uma pequena parte da sociedade seja tocada pelos princípios sólidos de Deus, as consequências são grandiosas e as possibilidades aumentadas.

Enquanto algumas igrejas têm se tornado referencial de enriquecimento ilícito, envergonhando o evangelho de Cristo, perdendo tempo com coisas que são corruptíveis (1Pe 1:18), uma igreja emergente está sendo gerada, no coração de líderes de diferentes ministérios

¹⁰⁷ THOMPSON, 2010, p. 1065.

¹⁰⁸ LAUSSANNE MOVEMENT (1974). **Lausanne movement**. (1974). Disponível em <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 25 de out. de 2018, s. p.

e denominações, em diferentes partes do mundo; cuja preocupação é fazer com que as pessoas entendam o verdadeiro sentido do Evangelho. Pois não há como ser igreja sem se preocupar com esta questão fundamental, que acarreta consequências à formação de novas gerações, a formação do nosso adolescente em desenvolvimento.

O que se torna uma igreja impactante e relevante na comunidade onde ela se encontra? Causar impacto nem sempre é fácil, mas primeiramente a igreja precisa compreender sua responsabilidade no todo, ou seja, a integralidade do ser. Ter uma visão de Reino de Deus é o primeiro passo para uma igreja se tornar relevante, pois a comunidade é composta por todas as pessoas que estão em volta dela.¹⁰⁹

As palavras de Sergio Rodrigues Ferreira em seu livro “Pedagogia da Cadeira”, sejam talvez o ideal para exemplificar o papel da igreja em relação a Capelania escolar.

Ferreira, em sua obra, conta a história de um mendigo, que entrava e saía da igreja sem ser notado. Certo dia, perguntaram-lhe o que o mesmo presumia sobre a igreja, e ele então recitou o seguinte poema:

Ninguém sentou comigo para me dar conselho,
Desviavam-se de mim o tempo inteiro,
Embora eu fosse um rosto costumeiro,
Ninguém sentou me oferecendo seus joelhos.

Ninguém me perguntou se concordei ou não,
Ninguém sentou pra ouvir o que eu penso,
O sermão dizia “vem”, a atitude, “não”.
E o lugar bem ao meu lado continuou imenso.

No último banco da igreja, ouvi o sermão,
As dúvidas cresciam e já eram montão.
Me ajeitei pra ceder lugar, não viram não,
Parecia que no banco havia contaminação.
Em alto em bom som, ouvi regra e poesia,
Mas ninguém sentou com minha família.
Era tão grande minha dor de todo dia
E a cadeira ao meu lado, continuou vazia.

Ninguém me deu a mão
Pra explicar melhor o que eu não entendia.
Eu era apenas mais um na multidão
E nenhuma atenção eu merecia.

Pensei e cheguei a triste conclusão,
Que muitos pregadores têm talento
E convencem a contento a grande multidão,
Mas o que lhes falta é o tempo

¹⁰⁹ MODES, Josemar Valmir. **Um Povo Transformador: Atos 2 e a Teologia da Missão Integral**. São Paulo. Rádio Trans Mundial. 2017. p. 146.

Pra se assentar com um fedorento e lhe dar uma atenção.
 O progoeiro não se senta, fala alto, argumenta, bem vestido se apresenta.
 No carro ele entra, nem a gente cumprimenta,
 Mas mendigo não esquenta, pois vê isso todo dia.
 A cadeira do seu lado, sempre está vazia

Então ouça meu amigo, ninguém sentou comigo.
 O púlpito tá bem longe, o banco bem repleto,
 Mas a cadeira está bem perto, então sente, eu fico quieto,
 Me ensine o que é certo e me tira do deserto.
 Ninguém sentou comigo.¹¹⁰

Interessante, como a distância entre púlpito e cadeira são tão gritantes. O autor através da exposição do poema, evidencia claramente um pedido de socorro, ou a expectativa de encontrar alguém que o ajudasse e se importasse com ele. Analogicamente a cadeira é o campo missionário onde a igreja não está vendo a realidade que a circunda.

3.2 A igreja e a Capelania

As escolas atualmente estão pedindo socorro como um mendigo, e eles são um grande campo missionário para a igreja. Para isso, a igreja precisa entender e estar consciente da sua missão integral no mundo. Sua espiritualidade precisa sair dos templos e abraçar as ruas.¹¹¹

No livro “O melhor da espiritualidade Brasileira”, organizado por Nelson Bomlicar, em um dos artigos “A espiritualidade e a missão integral”, o autor Antonio Carlos Barro fala sobre a espiritualidade e a valorização do próximo:

O materialismo transformou a vida humana em objeto. No Reino de Deus, o ser humano continua sendo imagem e a semelhança do Criador. Não se pode pensar na vida menos que isso. Hoje o mundo perdeu a concepção a santidade da vida. O ser humano não vale muito, e aqueles que não possuem o status que o mundo oferece são os que mais sofrem as injustiças. A vida é decepada, os lares são destruídos e quase não se tem mais espaço para a prática do amor. A missão integral resgata pessoas de suas futilidades e maneiras vãs de viver. Proclama profeticamente contra todos que procuram escravizar as pessoas em seus esquemas satânicos e também contra as estruturas que promovem morte e desestruturação. A espiritualidade da missão integral proclama a dignidade do ser humano.¹¹²

Integralidade. A vida não pode ser fragmentada, ela precisa ser pensada em sua totalidade e aí entra o papel da igreja. Em meio essa falta de amor e desvalorização da vida mostrar que ela sim é relevante e que o amor de Deus a transforma, e no meio escolar onde há traumas emocionais, conflitos familiares, luto, depressão entre outros desafios é inadiável a

¹¹⁰ FERREIRA, Sergio Rodrigues. **Pedagogia da Cadeira**. São Paulo. Radio Trans Mundial. 2010, p. 23-25

¹¹¹ FERREIRA, 2010. p. 25

¹¹² BOMILCAR, Nelson. **O melhor da espiritualidade Brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão. 2005, p. 285-286

concretização de um trabalho pleno a existência humana. A igreja é um apoio que o trabalho da Capelania tem pois através dela as pessoas que passam pelo capelão, como se fosse uma ponte, primeiramente através dele, Deus se faz conhecido e através dessa ponte essa aproximação a Ele, o indivíduo irá buscar a igreja para aprender mais e fazer parte da comunidade de Cristo. A igreja precisa estar pronta a receber essas pessoas que estão com feridas abertas, em recuperação.

No contexto atual, os dias são maus, famílias estão sofrendo ataques diários, até mesmo as famílias cristãs têm sido atingidas. Exercer autoridade sobre os filhos, conforme a Bíblia ensina, está cada vez mais difícil de lidar. A educação e os limites, que deveriam ser apresentados pela família estão sendo transferidos às instituições escolares. “Somente a Igreja de Cristo possui a verdade que pode mudar a situação”.¹¹³ Infelizmente as escolas estão vivendo uma fase complicada, por estarem com alunos problemáticos, sendo influenciadas pelo consumo de drogas comercializado dentro das escolas, ou então com famílias desestruturadas. Adolescentes com a sexualidade precoce, e com a falta de uma intervenção imediata e bem orientada.

E o que mais assusta a escola é o aumento do índice de violência. Notícias de professores sendo agredidos são frequentes. Um caso recente aconteceu no mês de setembro de 2018, na cidade de Rio das Ostras, no Rio de Janeiro. O professor Thiago dos Santos Conceição, foi humilhado, teve suas provas rasgadas e um objeto foi lançado, pela turma da qual se auto intitulava como a “sala do terror”. Logo em seguida o professor pede demissão e conta estar apavorado com a hipótese de retornar a lecionar. Em suas palavras em uma entrevista diz se sentir:

(...) muito triste por não ter conseguido mudar a situação deles. Triste por não ter deixado nenhum legado para eles. A escola tem que ter um olhar especial para essa turma, para os professores e para esses alunos, por que eles são reféns da sociedade e estão gritando por socorro.¹¹⁴

O relato triste desse professor demonstra a urgência de uma intervenção ao ambiente escolar. O corpo docente necessita de acompanhamento e capacitação para, talvez, evitar, agir e controlar situações com alunos problemáticos e agressivos. O ato de punir logo é feito e muito dos casos não surte nenhum efeito. No caso da escola que o professor lecionava, se

¹¹³ SANTOS, 2004. p. 19

¹¹⁴ O POVO, Redação Online. **Professor é humilhado e agredido em sala de aula no RJ**; Polícia abre inquérito para investigar. São Paulo. 21 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/09/professor-e-humilhado-e-agredido-em-sala-de-aula-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 20 de out de 2018.

houvesse um trabalho de Capelania, esse problema poderia ter sido evitado se desde o início, quando os indícios apontavam a turma como problemática, houvesse um tratamento com os indivíduos, tanto alunos, como professores, pois uma boa orientação, dá luz a questões difíceis de serem tratadas. É visto que muitos professores amam sua profissão, e por não terem onde recorrer suportam muitas coisas até chegarem ao extremo.

Para uma igreja se envolver e fazer parte do ministério de Capelania, vai além de apoiar o capelão ou o pastor que está à frente do projeto. Estar sensível a essa visão do que as escolas em sua volta fazem parte da comunidade onde a igreja se encontra, e é missão de toda igreja se envolver é imprescindível.

Investir tempo, dons, finanças, espaço físico da igreja para eventos especiais da escola envolvendo diretamente todos os membros da igreja, trabalhando todas as áreas, desde a alimentação a atividades recreativas, dará visibilidade não só ao capelão, mas demonstrará que a igreja se importa e se preocupa com a comunidade escolar, assim também envolvendo as famílias das crianças e adolescentes.

O primeiro passo para uma igreja se envolver começa pela intercessão ter a consciência de que as escolas precisam das nossas orações, que as portas e os corações precisam estar abertos para receber Cristo, através da igreja, com o incentivo do líder, capelão ou pastor levar a igreja em oração a dar suporte a esse ministério.

Difícilmente as igrejas têm essa visão de estar orando pelas escolas, pois não têm nenhum incentivo e também por não ter noção de como a escola pode ser alcançado através dela.

Outro envolvimento que a igreja pode investir é na parte financeira. Muitos líderes são resistentes ao aumento de ministérios e abrir a possibilidade de investir em treinamento para os membros da igreja que demonstrem o interesse de se tornarem capelães ou auxiliares de capelães que possam dar apoio dentro da escola como uma equipe que trabalhe em datas especiais. O ideal para a igreja de que adote e sustente um missionário capelão, está longe de ser uma realidade.

Apresentar a Capelania a igreja, e estimular a liderança demonstrando as vantagens desse ministério, o alcance de pessoas para Jesus Cristo e o preço que isso traz ao Reino, é algo impagável. Investirem tal ministério vale o custo benefício que o material didático, treinamento, deslocamento etc. trará. Por ser uma missão urbana a igreja pode servir junto

com o capelão em singulares atividades, de acordo com o que a igreja tem através das suas áreas de atuação.¹¹⁵

Como relatado antes, a primeira ação da igreja é a interceder pelo ministério, ter um tempo de oração pelas escolas, e a escola que a igreja tem como alvo. Billy Graham disse: “quando Deus deseja fazer uma grande obra, Ele primeiro convoca seu povo para orar”. A oração é um dos pilares desse ministério, tanto daqueles que estão a frente, e principalmente para a escola. Quando Deus coloca no coração da igreja o propósito de orar por esse ministério, certamente ela irá ser despertada, e entendera que e o amor de Deus pode e deve sair de dentro para fora, essa visão de ser igreja e estar em vários lugares.¹¹⁶

O terceiro passo para o envolvimento da igreja é o entendimento de que um capelão não precisa ser necessariamente um pastor, missionário que cursou Teologia. Pessoas com perfil de líder em potencial, que têm sensibilidade de missão urbana, também podem ser capelães. Pois muitas das vezes um pastor não consegue exercer mais a função de capelão devido a demanda da igreja, e ter alguém de confiança pode o auxiliar nesse ministério. A igreja que tem a visão, certamente irá ajudá-lo na sua capacitação na área de Capelania. John C. Maxwell ajuda a identificar líderes fazendo seis perguntas: Quem ele é?; quem ele conhece?; que ele sabe?; o que ele sente? E o que ele pode fazer?¹¹⁷ Ou seja, ser conhecido na igreja, ser exemplar; estar atualizado e em constante aprendizado; ser mentoreado; e capacitado para tal tarefa o faz de um líder, um capelão em potencial. Porém, a Capelania não se constrói de forma isolada. É preciso uma equipe, pessoas que deem suporte dentro e fora da igreja, buscando eficácia no atendimento à instituição escolar.¹¹⁸

3.3 Sugestões práticas para implantação de Capelania Escolar com o auxílio da igreja local

O trabalho da Capelania pode ter o envolvimento da igreja de inúmeras formas, de acordo com a igreja e as necessidades da escola. Na medida em que o projeto Capelania Escolar está dentro da escola, a igreja pode se inserir aos poucos, e/ou totalmente, através de projetos práticos ligados a Capelania. Neste subponto será apresentado sugestões para o início de uma relação entre igreja e Capelania Escolar.

¹¹⁵ FERREIRA. 2012.p. 11-17

¹¹⁶ SANTOS. 2004. p. 109

¹¹⁷ FERREIRA, 2012. p. 76-78.

¹¹⁸ FERREIRA, 2012.p. 80

Na escola, os ensinamentos são múltiplos e certamente o que irá prender a atenção, não somente dos alunos como de toda a comunidade, são atividades lúdicas que avultam e prendem os sentidos dos envolvidos.

Um dos meios de progresso, evolução de sujeitos em transformação, são atividades que trabalham o lado artístico. Estimular a arte na vida de pessoas tem benefícios distintos a sua formação e promove a cultura e a arte no bairro onde a igreja se encontra. O teatro, por exemplo, é uma ferramenta que pode ser usada para a Capelania, através de programações com o ministério de teatro da igreja como também o uso didático no trabalho com os alunos. Santos afirma, sobre o teatro:

O teatro é uma das formas de manifestação das emoções mais legítimas que a sociedade possui. Através de peças teatrais, fantoche, monólogos, o capelão pode trabalhar as emoções, proporcionando ao aluno em “exercício” de cura, que a Psicologia chama de catarse, refletindo sobre problemas que devem ser tratados, como drogas, indisciplina, sexualidade precoce, etc. Outra grande oportunidade é, durante os ensaios, observar as manifestações preocupantes, para que em um segundo momento sejam tratadas individualmente. Uma boa sugestão é fazer uma peça, no início do ano letivo, sobre a “Parábola do Bom Samaritano” e falar sobre a aceitação dos novos alunos.¹¹⁹

Através do teatro, a mensagem da cruz pode ser levada para todas as idades, pois o teatro é uma expressão que ativa o cognitivo humano, o faz refletir a mensagem e aplicar em sua vida. Envolver os alunos a participarem de oficinas de teatro para uma participação em alguma data especial não na escola e/ou outros ambientes, poderá aflorar comportamentos que precisam ser trabalhados e convivências que necessitam de aprendizagem no que diz respeito ao outro.

Criar um projeto cultural¹²⁰ em conjunto com a igreja é uma oportunidade de envolvimento com a comunidade em sua volta. Juntamente com o projeto de Capelania a igreja pode trabalhar a integralidade dos indivíduos inseridos em tal companhia.

Quando se trata de compartilhar Jesus, sua maior habilidade é a sua disponibilidade. A igreja atual está repleta de pessoas talentosas, em diversos seguimentos da arte como música, teatro, dança, mas infelizmente limitam esses dons para si, e não percebem que Jesus deixou uma missão a igreja, o IDE (Mt. 28.19-20).

O ministério de Jesus não ficou em um só lugar. Ele também usava de recursos como as histórias contadas. Através de suas parábolas, ele passava a verdade da Palavra de Deus. Pensando assim, Jesus contava suas parábolas com grande maestria e através delas, pessoas conheciam a Deus e se arrependiam. Em um mundo onde a tecnologia está em todos os

¹¹⁹ VIEIRA, 2011, p. 105-106

¹²⁰ Ver exemplo do projeto no material em anexo.

lugares, a arte de contar histórias de uma maneira simples, mas que fascina as pessoas desde os pequenos até o mais velho, ao escutar e se imaginar na história o sujeito sente-se parte dela e o faz refletir sobre suas necessidades.¹²¹

Esse envolvimento pode ir além. A profissão dos membros da igreja, o conhecimento de determinados assuntos, a disponibilidade de aliciamento em ações sociais dentro da escola, podem ser uma das abrangências de práticas dos membros da igreja local. Profissionais das áreas de pediatria, advocacia, pedologia, beleza, psicologia, ensino, marcenaria, entre outros ofícios podem atuar em ações direcionadas á comunidade. O atendimento do capelão amparado, sustentado, assistencializado pela igreja pode utilizar-se de tais profissionais em palestras, conversas com os pais, etc. Um dos órgãos da escola que pode entrar nessa parceria é a Escola da Família ou Escolas de Pais, organizações que promovem atividades que vão de encontro a necessidades das famílias dessa forma – com conversa e palestras.

O capelão Lerson diz que:

Diante destas realidades, trabalhamos com cada família nas situações que afetam diretamente o desenvolvimento de nossos alunos. Fazemos acompanhamento conjugal. Desenvolvemos o que chamamos de Escola de Pais onde as relações familiares são tratadas e reforçado o conceito de família como uma estrutura base para a transformação da comunidade e do ser humano. A indisciplina dos alunos é tratada buscando encontrar sua rela fonte, é tratada em conjunto com os professores e familiares. Todos os pais são chamados e caminham junto com a escola, pois percebemos um certo desleixo, relaxamento quanto ao desenvolvimento escolar de algumas crianças para isso, fazemos os atendimentos individuais dos pais, onde buscamos especificamente reforçar seu papel como responsável pela criança. Percebemos a boa aceitação por parte da maioria das famílias o despertamento para as responsabilidades. Percebemos que as vezes o que falta é a orientação e o amor para caminhar junto dando o tempo perto para possível auxílio.¹²²

Investindo na família como base de transformação da comunidade abre espaço para trabalhos que vão de encontro as suas necessidades trazendo a igreja e seus ministérios para mais perto da escola, firmando uma ligação sólida.

Um ministério ímpar é o das Mulheres Cristãs em Missão (MCM). Através dele mulheres podem se apoiar através de encontros semanais, ensinando trabalhos manuais e/ou outras especializações, que dependo da situação, agregando renda extra para a família. Em tais encontros, mensagens de esperança, palestras sobre educação de filhos, são atividades que podem ser desenvolvidas na busca principal do evangelho da cruz – a salvação.

¹²¹ CRUZ, Adriano. **Diário do Capelão**: sugestões de dinâmicas para a capelania. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2018, p. 13

¹²² VIERA, 2011, p.100.

O ministério de homens da igreja pode trabalhar com os pais na escola, da mesma forma que as MCM, enfocando e buscando valorizar o papel do homem no cerne da família. O grupo pode trabalhar no suporte de atividades realizadas entre a igreja e a escola, na parte de organização, alimentação e também em serviços gerais. Mostrar que todos podem ajudar na comunidade local.

O adolescentes e jovens (certamente alguns deles estudam na escola local ou conhecem alguém que estuda) podem e devem ser os agentes de transformação onde estão, através da sua própria vida e testemunho e no auxílio em diversas áreas, tais como música, alimentação, limpeza, atividades artísticas, entre outras.

Pensar no todo parece ser difícil, e entender que você faz parte do todo é essencial, é preciso agir e fazer a diferença na comunidade local. Entender o papel de igreja é ir além dos púlpitos e dos bancos confortáveis, é fazer o Reino de Deus conhecido.

CONCLUSÃO

Após os estudos manifestos acima, pode-se inferir que a adolescência na sociedade é uma construção social. Ela está ligada e influenciada pelo meio que a envolve. As mudanças, o comportamento, as reviravoltas dessa fase abrem espaços para o quadro de atenção do governo, nas áreas da saúde, da educação e política do país. A proteção da saúde dos indivíduos considerados adolescentes, a profissionalização e a criticidade que envolvem os mesmos, vigora nos debates de especialistas que estudam esse período da vida.

Vê-se que a cultura das épocas de existência da sociedade renovou comportamentos e instituições, trazendo modificações significativas a esse estágio da vida. Para tanto, a fundamentação da pesquisa exposta traz indagações, discussões, argumentações, que revelam escritos sobre a adolescência e a urgência de um trabalho eficaz nessa faixa etária, o que traz à tona escritos sobre o assunto e a lacuna entre a prática de tais documentos, assim como projetos a serem desenvolvidos para que se obtenham melhorias a esses jovens.

Estudos descortinam a família brasileira atual. O Código Civil brasileiro mostra famílias modernas imersas na cultura, política e economia contemporânea, que não tem um modelo fixo, um padrão familiar que direcione o adolescente em construção a um protótipo a ser seguido. Pensar uma família com base bíblica é uma atividade árdua, visto a trivialidade histórica que ignora completamente o seu Criador. Aspectos como limites, afetividade, paciência, observância, respeito, obediência, parecem estar em segundo plano, tanto na criação dos pais com seus filhos, quanto na sujeição dos filhos aos seus responsáveis. Tais problemas refletem diretamente nas instituições escolares. A escola carrega as responsabilidades e problemas familiares e passa a não tratar com profundidade da responsabilidade educacional dos sujeitos inseridos nesse ambiente. Porém, um modelo de mestre, um exemplo, um disciplinador na vida do adolescente traz hábitos saudáveis a eles. Mas quem o está instruindo, quem está sendo o seu disciplinador, quais os exemplos que lhes são apresentados?

O adolescente está em busca de aceitação, em busca de sentido da sua identidade e dos vínculos a serem introduzidos em seu dia a dia. A convivência com seus pares é imprescindível em seu desenvolvimento, porém o distanciamento das mídias digitais o faz estar ainda mais isolado do mundo e dos seus. Segurança, compreensão, ficam então em segundo plano. A autoafirmação passa a se dar pela *internet* e não pelo seu mestre, disciplinador, exemplo, família. O outro é distante, é desconhecido, está cada vez mais fora de seu convívio real.

O sujeito, nessa fase, age de forma impensada, imatura, inconsequente. Afinal, é preciso experimentar. Daí a urgência de uma orientação, cuidado, zelo, nos ambientes que vivem e convivem – lar e instituições escolares.

A figura de um assistente produtivo, como um capelão, contribuirá para uma saúde mental, emocional, física e espiritual mais saudável. Uma pessoa que saiba lidar com aconselhamento familiar e com um ambiente educacional tão precário e cheio de problemáticas, como vislumbrou em nosso país na atualidade.

Após conhecer as disposições da Capelania, os segmentos abarcados por ela, o perfil do capelão e as diretrizes a serem cumpridas por essa figura é possível delinear um entendimento sobre as entidades educacionais e seus habitantes, trazendo “fórmulas” eficazes para o crescimento integral desses sujeitos.

Os adolescentes precisam se sentir seguros, cuidados, e saber que através do trabalho de Capelania eles serão ouvidos, apoiados, amparados, ensinados, disciplinados por alguém que está interessado em seus dilemas, que está pronto a amá-los e fazer com que eles se sintam amados através da busca de soluções para os impasses do período que estão vivendo.

Com uma figura dessa magnitude, o isolamento, a falsidade, as aparências, as emoções obscuras, a falta de convívio real, causadas pela *internet*, pelos meios de comunicação e interação virtuais, ficarão em segundo plano, afinal o contato vivo e real está sendo estabelecido e as falácias dos ciberespaços estão sendo destituídas.

Observa-se que as instituições de ensino, e os envolvidos desses locais (comunidade, corpo docente, discentes, famílias), estão gritando, pedindo socorro por soluções que venham a trazer novas perspectivas, novos rumos a suas deficiências. É aí que a igreja precisa ser vista.

A igreja com seus princípios bíblicos, precisa trabalhar, com as ferramentas que lhe foram dispostas em suas comunidades, a construção e o desenvolvimento da integralidade do ser humano. O evangelho todo, para o homem todo, como um todo.

Dar visibilidade à valorização da vida, à mensagem da cruz, aos exemplos da transformação de vida através do amor de Deus, é uma das diretrizes de eficácia da igreja. O impacto do propósito essencial da igreja é fazer o Reino ser conhecido na terra. Por isso a urgência de se pensar no ministério de Capelania Escolar, ferramenta que aproxima a igreja da comunidade, a igreja das famílias modificadas através dos tempos, a igreja e os direitos humanos, a igreja e o humano integrado ao seu Criador. A igreja precisa estar pronta a receber esses humanos, essa comunidade local, que tem inúmeras feridas abertas, necessitando de auxílio e recuperação.

Para uma igreja se envolver e fazer parte do ministério de Capelania, precisa se conscientizar de que apoiar o capelão ou o pastor que está à frente do projeto apenas não é o suficiente, ela precisa se envolver. Sensibilidade, empatia, amor, é o que Deus deseja dos seus para com o outro.

O todo parece distante, mas está apenas a algumas orações de distância. Buscar direcionamento de Deus, colocar-se à disposição do reino, dar suporte ao ministério de Capelania, ir além do púlpito e dos templos estruturados, sair da sua zona de conforto é estar ligado aos mandamentos de Cristo.

Essa pesquisa não se finda aqui. Há muito o que estudar e o que planejar. Basta que a igreja, o capelão designado pela igreja a estar nas instituições escolares, entre outros espaços, estejam disposto a envolverem na sociedade e na metodologia aplicada por Cristo – o amor ao próximo.

REFERENCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no Brasil de hoje:** políticas e perfis da juventude brasileira. Cadernos Adenauer XVI (2015) n.1. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/16488-1442-5-30.pdf>>. Acesso em 16 out. 2018.
- ALMEIDA, Ana Maria de Brito. **Os radicais Livres de Alma.** Identidade Produções: Rio de Janeiro. 2017.
- ALVES, Gisleno Gomes de Faria. **Manual do Capelão:** Teoria e Prática. São Paulo: Hagnos. 2017.
- ARENDDT, Hanna. **A condição humana.** Trad. Roberto Raposo. Rev. técnica Adriano Correia. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARIÉS, Philip. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BEVILAQUA, Clóvis. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil comentado.** Atualizado por Achilles Bevilaqua. 8. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1950.
- BEZERRA, C. **Pastoral Urbana.** Curitiba: Intersaberes, 2017.
- BOMILCAR, Nelson. **O melhor da espiritualidade Brasileira.** São Paulo: Mundo Cristão. 2005.
- BORGES, Letícia Oliveira. **O sujeito dentro do uniforme:** um estudo no colégio Tiradentes em Pelotas 2015-2017. 190 f. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande: FURG, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011882.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- BRASIL. **Cartão do Adolescente** (documento preliminar). Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. ASAJ/MS, Brasília: MS, 2004.
- CAIROLI, P; GAUER, G. J. C. **A adolescência escrita em blogs.** Estudos de Psicologia (Campinas) 2009, p. 209. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/08.pdf>>. Acesso 23 out. 2018.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento.** São Paulo: Vida Nova. 2005.
- CURY, Augusto. **Gestão da emoção:** técnicas de *coaching emocional* para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e equilibrada. São Paulo: Saraiva, 2015.
- CRUZ, Adriano. **Diário do Capelão:** sugestões de dinâmicas para a capelania. São Paulo. Rádio Trans Mundial. 2018.
- DANTAS, Francisco Clementino de San Tiago. **Direito de família e das sucessões.** Rev. e atual. por José Gomes Bezerra Câmara e Jair Barros. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência:** definições, conceitos e critérios. AdolescSaude. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso 03 mar. 2018.
- EMBACHER, Airton. **Moda e identidade:** a construção de um estilo próprio. 3.ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

- FERREIRA SALLES Leila Maria. **Adolescência, escola e cotidiano, contradições entre o genérico e o particular**. São Paulo: UNIMEP, 1998.
- FERREIRA, Damy. **Capelania Escolar Evangélica**. São Paulo: Rádio Transmundial. 2008.
- _____; ZITI, Liswaldo Mário. **Capelania hospitalar cristã**. Santa Barbara d' Oeste. SOCEP, 2010.
- FERREIRA, Sergio Rodrigues. **Pedagogia da Cadeira**. São Paulo. Radio Trans Mundial. 2010.
- _____. **Capelania Escolar: Despertando a igreja para missão de Capelania Escolar**. São Paulo: Rádio TransMundial, 2012.
- FERREIRA, Tereza Helena Schoen; FARIAS; Maria Aznar. **Adolescência através dos séculos**. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 26, n. 2, abr.-jun. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em 17 out. 2018.
- GAMBA, Vivian. **Formação em Cheque**. Porto Alegre: SINEPE, 2016.
- GRAHAM, Billy. **O Segredo da Felicidade**. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1962.
- HALL, G. S. **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and educations** (Vol I e II). New York: D. Appleton, 1924.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas Tadeu da Silva. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4135505/mod_resource/content/1/A%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-Modernidade%20-%20Stuart%20Hall.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.
- HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. **Direito civil: estudos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.
- KIVITZ, Ed René. **Talmidin: o passo a passo de Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário digital 1.0** São Paulo: Estadão, 1998, CD-ROM.
- LAUSSANNE MOVEMENT (1974). **Lausanne movement**. (1974). Disponível em <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso 20 de out.. 2018.
- LEITE, Fernanda. et al. **O sentido da escola: concepções de estudantes adolescentes**. Psicologia Escolar e Educaional. v.20, n. 2, São Paulo: Maio/Agosto 2016, p. 339-348.
- LONGUINI NETTO, Luis. **O novo rosto da missão**. Ultimato: 2002.
- LOPES, Jamiel de Oliveira. **Psicologia Pastoral**. 3.ed. Casa Publicada das Assembleias de Deus: Rio de Janeiro, 2017.
- MACEDO, Lídia Suzana Rocha de; SPERB, Tania Mara. **Regulação de Emoções na Pré-Adolescência e Influência da Conversação Familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 29, n. 2, Abr-Jun 2013, p. 134. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n2/02.pdf>>. Acesso 19 out. 2018.
- MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. 2010. 348 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito da USP. Disponível em:

< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/pt-br.php>>. Acesso em 10 ago. 2018.

MAREZIA, Jonathas. **Baleia Azul**: jogo mortal que vira febre e acende alerta de pais em Alagoas. São Paulo. 12 abril 2017. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/porta1/noticia/2017/04/baleia-azul-jogo-mortal-vira-febre-no-brasil-e-acende-alerta-de-pais-em-al_31394.php> Acesso 19 set. 2018.

MENGUE, Priscila; TORRES, Aline. **Boneca Momo reacende debate sobre a segurança infantil na web**. São Paulo. 29 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/boneca-momo-reacende-debate-sobre-seguranca-de-criancas-na-internet,e93f2641736c4f504edca43cfbcda33enkltxa59.html>>. Acesso em: 19 set. 2018.

MODES, Josemar Valmir. **Um Povo Transformador**: Atos 2 e a Teologia da Missão Integral. São Paulo: RádioTrans Mundial, 2017.

NADAUD, Stéphane. **L'homoparentalité**: uma nouvelle chance pour la famille? Paris: Fayard, 2002.

O POVO, Redação Online. **Professor é humilhado e agredido em sala de aula no RJ**; Polícia abre inquérito para investigar. São Paulo. 21 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/09/professor-e-humilhado-e-agredido-em-sala-de-aula-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 20 out 2018.

OLIVEIRA, Euclides. **União estável do concubinato ao casamento**. 6.ed. São Paulo: Método, 2003.

PEREIRA, Sonia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus. 2011.

REESE, E. (Ed). **A Bíblia em Ordem Cronológica, Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida. 2003.

REI, V. **Ladrões de Adoração**. São Paulo: Ágape, 2011.

RITTO Cecília e VIEIRA Maria Clara. **O que vai nessa cabeça?** Disponível em: < http://escoladepais.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Artigo_O_que_vai_nesta_cabe%C3%A7a_-_11-16.pdf>. Acesso 08 nov. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3.ed. Trad. Sergio Milliet. Difel: São Paulo, Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: <<http://www.ensinarfilosofia.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Rousseau-Emilio-Ou-Da-Educacao.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2018.

SANTOS, Marcio Alexandre de Moraes. **Manual de Instrução do Capelão Escolar**: fazendo a diferença no ambiente escolar. São Paulo: TransMundial, 2008.

SANTOS, Marcio Alexandre de Moraes. **Quando a fé escreve a história**: Dicas práticas para um capelão levar esperança a professores e alunos. São Paulo: Rádio Transmundial. 2004.

SHELBY Guilherme. **Manual do professor**: tudo o que a Escola precisa saber sobre as leis e Justiça. Rio de Janeiro: Central Gospel. 2016.

THE INTERNACIONAL BIBLE SOCIETY. **Nova Bíblia Viva**, São Paulo, Hagnos, 2018.

THOMPSON, F.C. **Bíblia Thompson**. 2.ed. São Paulo. Vida, 2010.

VIEIRA, Walmir. **Capelania Escolar**: Desafios e oportunidades. São Paulo: Rádio Transmundial. 2011.

ANEXOS

ANEXO 01 - CÓDIGO DE ÉTICA DO CAPELÃO ESCOLAR¹²³

CAPÍTULO I- DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art.1- A Capelania Escolar é uma atividade religiosa de cunho espiritual que lida com indivíduos em formação física, mental e espiritual, que frequentam escolas públicas e particulares, procurando dar-lhes orientação religiosa e espiritual, dentro do respeito a liberdade religiosa de cada pessoa e de cada família.

Art. 2 – O Capelão deve inteirar-se do regimento interno da escola em que atua e das normas disciplinares dos alunos, professores e funcionários, respeitando-os plenamente.

Art. 3- A atuação do capelão não deve contrariar o trabalho dos professores, pedagogos, psicólogos e diretores, nem embaraçar-lhes os programas, mas sim, cooperar para o bom desempenho dos alunos.

Art. 4 - Os programas do capelão devem ser elaborados dentro de uma visão integrada aos programas educacionais das escolas para que possa contribuir para o aproveitamento dos estudantes.

Art. 5- O trabalho do capelão com os alunos não deve contrariar orientações das famílias. Quando alguma família não permitir que seu filho participe dos programas de Capelania, isto deve ser respeitado.

Art. 6- A área de educação a ser trabalhada pelo capelão é de apenas a “educação religiosa” e o “aconselhamento pastoral”. Não devera ele entrar na área de pedagogos nem dos psicólogos da escola, mesmo que tenha habilitação profissional na área. Se na sua atividade surgirem casos desta área, ele deverá encaminhar os alunos para aqueles profissionais.

Art.7- Assuntos de disciplina não deverão ser acolhidos pelo Capelão, a menos que seja solicitado pela direção da escola.

Art. 8- Igualmente, casos de avaliação pedagógica, em que os alunos julguem-se injustiçados por professores e educadores, não devem ser acolhidos ou tratados pelo capelão, especialmente quando exercem suas atividades em escola pública ou particular não confessional.

CAPITULO II- DA RESPONSABILIDADE QUANDO A ORIENTAÇÃO DE CASOS ESPECIAIS

¹²³ FERREIRA, Dammy. Capelania Escolar Evangélica. São Paulo. Rádio TransMundial. 2008. p. 165- 172

Art. 9- No contexto de escola surgem problemas de droga, de alcoolismo, de gravidez de adolescente e outros casos especiais. O capelão pode ser a primeira pessoa a detectar tais problemas em crianças, adolescentes e jovens. Ele não deve se omitir em trabalhar esses problemas, buscando a melhor orientação para a solução de cada caso.

Art. 10- Ao detectar tais casos, o capelão averiguará, primeiro, se pertencem a outras áreas profissionais da escola, antes de tomar qualquer atitude.

Art. 11 - Ao convencer-se de que o caso pertence a sua área, o capelão iniciará seu trabalho respeitando, evidentemente, o indivíduo e sua família.

Art. 12 - Igualmente, ao tratar de problemas especiais com estudantes, o capelão deverá avaliar o momento certo de comunicar o fato para os pais. E quando o fizer, deverá ser com bastante cuidado para não criar recuo do jovem que está sendo ajudado e nem provocar reações extremadas dos pais.

Art. 13 - Casos de grande gravidade ocorridos com estudantes maiores de idade, só serão relatados ao pais, caso os estudantes concordem ou julguem que necessitam daquela ajuda

Art.14 - Casos de gravidade ocorridos com estudantes menores de idade, deverão ser relatados aos pais, naturalmente dentro dos cuidados que exige cada questão.

Art.15. - A gravidez de adolescentes é um caso especial de grande gravidade, porque envolve “corrupção de menores”, que exige os seguintes cuidados:

Esperar que o caso lhe venha ao conhecimento, ou pela própria pessoa ou pela direção da escola, ou, ainda, pelos pais;

Averiguar se os pais estão sabendo do fato qual a atitude deles;

Jamais ser drástico com a adolescente, mas tratá-la como pessoa e com muito cuidado, sem, contudo, aprovar a sua atitude errada;

Uma vez que o caso aconteceu, jamais incentivar o aborto, em nenhuma hipótese;

Levar a adolescente a valorizar a vida que tem dentro dela e prepará-la para encarar esse desafio;

Não procurar resolver o problema do parceiro, a menos que seja solicitado e principalmente se for também da escola;

Manter o equilíbrio de tratamento: nem privilegiá-la pelo feito, nem menosprezá-la pelo erro.

Art.16 - Todo o procedimento que envolver esses problemas especiais com estudantes deverá ser relatado a direção da escola, a quem de direito, uma vez que a primeira responsabilidade sobre o aluno é dela.

CAPÍTULO III- DO RESPITO A CONSCIÊNCIA RELIGIOSA INDIVIDUAL

Art.17 - Todo o trabalho de ensino religioso de capelão e sua equipe deve levar em conta os direitos a consciência religiosa de cada indivíduo. Isto deve ser feito mesmo em escolas confessionais em que os pais que aceitam ali matricularem seus filhos, já sabem da posição religiosa da instituição.

Art.18- O capelão fará o seu trabalho religioso e espiritual sem conotação sectária, mesmo porque numa escola confessional, haverá alunos pertencentes a diversas linhas de doutrina cristã.

Art.19- Este respeito à consciência religiosa do indivíduo fica mais exigente quando a escola for pública ou particular não confessional.

CAPÍTULO IV- DA HARMONIA DO RELACIONAMENTO ENTRE CAPELÃO E AUXILIARES

Art. 20- A Capelania adotará para si uma linha de doutrina e ensinos, bem assim de procedimentos no atendimento individual de alunos, professores e funcionários da escola.

Art.21- Os auxiliares não poderão discrepar, em termo de ensino e doutrina, das linhas adotadas pela Capelania; todos deverão falar a mesma “língua”.

Art.22- Capelão e auxiliares, não poderão discordar de doutrina, ensino ou metodologia perto de alunos e professores. Casos dessa ordem serão tratados em particular pelo capelão-chefe.

Art.23- Capelães auxiliares não deverão ser repreendidos diante de alunos, professores e funcionários. Esses casos devem ser tratados em particular, na sala da Capelania.

Art.24- Também a Capelania não poderá discrepar da disciplina geral adotada pela escola. Capelania e direção da escola deverão falar a mesma língua.

CAPÍTULO V- DOS ASSUNTOS CONFIDENCIAIS

Art.25- Atender pessoas, sejam alunos, funcionários ou professores, o capelão e seus auxiliares manterão absoluto sigilo dos casos tratados.

Art. 26- Assuntos tratados na sala da Capelania ou mesmo no aconchego dos lares dos alunos, jamais serão mencionados de público, nem mesmo a título de ilustração ou exemplo didático, e nem passados para outras pessoas.

Art.27- Igualmente, se tiver conhecimento de doença grave de alunos ou familiares, jamais passar para outros informação, ou mencionar o fato em público.

Art.28- O capelão jamais fará qualquer tipo de discriminação ou diferenciação no tratamento de pessoa que esteja sendo tratada em assunto moral grave.

CAPÍTULO VI- DA ÉTICA DO CAPELAO EM ESCOLAS PUBLICAS

Art. 29- Em escolas públicas, caso haja permissão para a atividade de Capelania, todo o trabalho do capelão deve ser posto em prévia programação que será submetida à direção da escola.

Art.30- A metodologia do ensino religioso deverá ser colocada de modo a não provocar reclamações por parte de alunos, pois isto significará o fim da oportunidade.

Art. 31- Se tiver de tratar de algum problema especial com algum estudante com os pais, isto deverá ser feito com expressa permissão da direção da escola, depois de dar-lhe pleno conhecimento do problema.

CAPÍTULO VII- DO RELACIONAMENTO DOS CAPELÃES COM SEXO OPOSTO

Art.32 - Um capelão deverá agir com cuidado com pessoas do sexo oposto, evitando aproximação íntima demais que possa provocar suspeitas diversas.

Art.33- O capelão não deverá sair para programações especiais a sós com estudantes do sexo oposto, e até mesmo com professores ou funcionários, quando as circunstâncias possam ser interpretadas para um lado ou sentido negativo.

Art.34- Capelães solteiros ou divorciados, não deverão entrar em relação de namoro com pessoas que fazem parte da sua assistência de Capelania, seja aluno, funcionário ou professor.

Art.35- Do mesmo modo, capelão não deve entrar em relação de intimidade com membros da família de estudantes.

CAPÍTULO VIII- DA VIDA PARTICULAR DO CAPELÃO

Art.36- O capelão não deverá expor sua vida particular diante de alunos, professores ou funcionários, seja em conversação comum, seja em palestras.

Art.37- O capelão nunca deverá confessar suas fraquezas ou pecados, nem mesmo a título de ilustração ou exemplo, em hipótese alguma.

Art.38- Não deverá também falar de suas dificuldades financeiras a alunos, professores ou mesmo familiares de estudantes.

Art.39- Igualmente, não deverá reclamar problemas de salários ou vantagens ou desvantagens empregatícias diante de alunos, professores ou funcionários de escola.

Art.40- Se tiver problemas em casa, com esposa, esposo, filhos, o capelão jamais deverá mencionar este fato a alunos, professores ou funcionários da escola, nem mesmo a título ou exemplo didático.

Art.41- Se o capelão for também psicológico exercer essa atividade fora da escola, não deverá encaminhar para o seu consultório particular alunos da escola com problemas da área, para não configurar vantagem econômica, auferida através da sua condição de capelão.

CAPÍTULO IX- DAS QUESTOES DE DISCRIMINACAO

Art.42- O capelão e seus auxiliares jamais farão discriminação racial, de estrangeiros, de religião diferente, portadores de deficiências ou praticarão qualquer tipo de discriminação.

Art.43- Igualmente, o capelão e seus auxiliares jamais tratarão com discriminação alunos de classes sociais mais pobres, que tenham bolsa ou alunos inadimplentes.

Art.44- Do mesmo modo, o capelão e seus auxiliares, jamais tratarão com discriminação alunos menos dotados, menos inteligentes, em relação a outros.

CAPÍTULO X- DO CONSELHO DE ÉTICA DE CAPELANIA E DO CASOS OMISSOS

Art.45- O capelão-chefe e todos os capelães auxiliares em cada escola formarão o “Conselho de Ética de Capelania”, sendo o capelão-chefe o seu relator.

Art.46- Casos éticos não previstos neste Código que surgirem no contexto das atividades de Capelania de uma escola, serão discutidos e definidos pelo “Conselho”.

Art.47- A decisão tomada por um “Conselho” poderá incorporar-se ao Código de Ética daquela Capelania.

ANEXO 02 –PROJETO ART FOR LIFE: ENVOLVER PARA DESENVOLVER

Projeto



Envolver para desenvolver

Ijuí
2018

PROJETO CAPELANIA/ARTE/CIDADANIA

PROJETO: ART FOR LIFE: ENVOLVER PARA DESENVOLVER¹²⁴

Capelania - Cultura - Artes- Cidadania

O projeto “Art for Life: Envolver para Desenvolver” conta com dois projetos em um, abrangendo “Capelania Escolar” e “Arte e Cultura”. Tem como objetivo trabalhar o indivíduo no todo. Irá abranger o corpo estudantil e a comunidade em geral, juntamente com o apoio da igreja local. Oferece no primeiro momento o contado com o corpo docente e alunos. Através da Capelania Escolar com diálogos de assunto atuais, conflitos interpessoais, situações de estresse e violência dentro da escola, família, temas que estão presentes no ambiente escolar e dentro da sociedade atual o projeto será de grande valia.

Juntamente com esse acompanhamento, que terá como método aconselhamento, no qual o Conselheiro/Capelão(indicado pela igreja local, disponibilizará em caráter voluntário, sem ônus para escola) irá coordenar o projeto dentro da escola, onde terá o tempo de ouvir e aconselhar, mediar conflitos, apresentar sugestões que ajudarão em situações que fogem do controle da escola e no trabalho em grupo tanto com os alunos e funcionários da escola.

Visando o cuidado do indivíduo no todo e a necessidade de se expressar, além dos assuntos trabalhados em sala, atrelado ao projeto de Artes e Cultura, sabendo que a arte desde a pintura de um quadro até a composição de uma canção são expressões que despertam a criatividade e o conhecimento próprio.

A duração do projeto é ilimitada, e vai ser norteadas nas necessidades que a escola apresenta.

Objetivo Geral

A Capelania Escolar vai oferecer gratuitamente apoio emocional, moral e social aos estudantes, pais e mestres da Escola e suas respectivas famílias. Em conjunto com a arte e cultura, o projeto irá estimular o ouvir, respeitar, a criatividade, o trabalho em equipe, o envolvimento com as outras pessoas, a autonomia no falar de cada envolvido, através das oficinas e/os trabalhos feitos em aula e o envolvimento da comunidade promovendo a arte e a cultura.

¹²⁴ Organizado por: LEMOS, Maristela dos Santos. 2018.

Objetivos Específicos:

- Alcançar o estudante e a família em crise, assim fortalecer o vínculo entre família, escola e comunidade, buscando desenvolver um aumento do rendimento escolar e o convívio no todo;
- Ser uma ponte entre Escola e alunos/famílias e comunidade em geral;
- Ajudar na disciplina dos alunos em parceria com a Escola e psicólogos;
- Dar pareceres sobre questões éticas e religiosas, sob a ótica cristã;
- Atentar e cuidar a integralidade do ser aluno;
- Apoiar as atividades da Escola;
- Participar de todos os Eventos e Datas Comemorativas da Escola;
- Oferecer apoio as Aulas de Ensino Religioso, de acordo com a grade curricular;
- Promover a autoestima e a valorização da vida pessoal de cada indivíduo;
- Motivar encorajando mestres, professores e funcionários da Escola;
- Promover e executar o projeto Arte para Vida;
- Ir atrás de recursos e apoio na comunidade e junto a prefeitura local e ministérios.

A FILOSOFIA DO TRABALHO**Natureza**

O trabalho de Capelania Escolar será o carro chefe do projeto pois no decorrer do processo, serão percebidas as principais necessidades da Escola, sendo o suporte ao corpo estudantil e as famílias dos alunos. O projeto não faz uso das categorias científicas (psicologia, psicoterapia, etc.), mas seu principal recurso é a valorização e cuidado mutuo, juntamente com a ação do projeto cultural que ajudara no desenvolvimento do indivíduo.

Visão

O projeto Art for Life: Envolver para Desenvolver, tanto na área da Capelania e na arte são instrumentos voluntários, os quais darão o suporte necessário, no aconselhamento alicerçados em valores bíblicos, e a na organização das oficinas e do projeto sociocultural. Isso estará colaborando na formação intelectual, emocional e social de todos os membros da Comunidade Geral.

Missão

Ajuda na formação integral do indivíduo, oferecendo oportunidades de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação de valores no exercício da cidadania, e o envolvimento entre Escola e Comunidade.

Valores e Princípios

- Bíblia
- Ética
- Amor
- Solidariedade
- Transparência
- Inclusão Social
- Respeito
- Valorização da Vida
- Unidade

JUSTIFICATIVA

Questões sociais como desemprego, conflitos familiares, professores e alunos desmotivados, violência, drogadição, entre outros aspectos cada vez mais presentes no contexto escolar que acabam prejudicando o desenvolvimento da sociedade. A intervenção em ajudar esse a alunos/família e escola/comunidade é grande pois precisam ter alguém que posso ouvir, orientá-los e caminhar junto, e para ir contra o que está sendo imposto e acreditar que unidos podem crescer, com o envolvimento de todos.

O projeto colocado em prática possibilita o envolvimento entre a escola e comunidade geral, e promove o desenvolvimento da mesma primeiramente no indivíduo na formação do caráter intelectual, emocional e em relação as pessoas do seu convívio, assim atingindo família, escola e comunidade. Construir uma comunidade que busca valores e que esta interligada com as demais instituições como escola, igreja, e prefeitura está a caminho de desenvolver cidadãos que importam o crescimento e o bem-estar de todos.

Metodologia

O projeto realizar-se-á por meio do contato e da comunicação pessoal. O Capelão será informado a respeito de necessidades de aconselhamento através da Secretaria da Educação ou por meio da Escola. O serviço de Capelania também é voltado para a formação do caráter, visando o aluno como pessoa, fornecendo-lhe princípios para uma vida melhor em família e na sociedade. Esta parte consistirá na apresentação de palestras direcionadas para qualidade de vida, vida em família, relacionamento com o próximo, sexualidade, namoro, noivado e casamento.

Envolver para Desenvolver projeto que compreende a comunidade através da cultura e uma maneira de aproximar à todos. O projeto Artes para Vida estará ligado a grade curricular da escola, de forma que ao final do ano ou a cada semestre, a escolha da escola, haverá uma apresentação dos trabalhos feitos (pode escolher um tema a ser trabalho ou não). O objetivo é estimular, encorajar a criança ou o adolescente a valorizar seu trabalho através da arte mostrando que ela pode ser criativa, se expressar de diversas formas.

Em companhia com o trabalho de Capelania e igreja que ele apresenta poderá oferecer oficinas, a cada quinze (15) dias, de teatro, onde podem ser trabalhados os temas que estão sendo discutidos na Capelania, e estimular a preparação de uma apresentação final. As oficinas podem variar de acordo com a necessidade da escola e a disponibilidade de pessoas. Os envolvidos podem ser voluntários da igreja ou pessoas indicadas pelo ministério da cultura.

O grupo de Mulheres Cristã em Missão (MCM), grupo de mulheres da igreja local pensando nas famílias dos alunos, também trabalhará com as mães, avós, e/ou cuidadores dos alunos, realizando oficinas de artesanatos entre outras atividades, dependendo da necessidade dos envolvidos e, trará mensagens de encorajamento, esperança e assuntos relacionados ao cuidado na criação dos filhos e/ou adolescentes de responsabilidade dos mesmos. Em momentos mensais ou a cada quinze (15) dias, aos que ao final exporão os trabalhos realizados nos encontros. Dessa forma o ministério dos homens, nesses encontros, poderá se reunir junto e conversar com os pais, mostrando o papel do homem na família e na educação dos filhos. Vai depender das necessidades da escola. Outros ministérios da igreja podem se envolver de alguma forma nesse momento.

A apresentação final pode ser realizada na escola, na igreja ou em algum lugar especial com apoio a Prefeitura da cidade e o Ministério da Educação e Cultura.

Em datas especiais a igreja pode levar peças teatrais, música, uma mensagem de um determinado assunto, quando a escola pedir e assim motivar e envolver a escola sempre caminhando juntas.

Percebendo que quando o indivíduo com uma terminada ação que estimula seus pensamentos e ações, ainda mais se for em grupo certamente terá uma grande percepção em viver comunidade.

Recursos

O projeto de Capelania em consonância com o projeto sociocultural trata-se de serviço voluntário, sendo completamente sustentado pela Instituição e apoiado pela Prefeitura local e Secretaria da Educação e do Ministério da Cultura da cidade.

Supervisão

A supervisão deste projeto será feita pela Secretaria da Educação e do Ministério da Cultura do Município, bem como pelo diretor da entidade escolar. O capelão-supervisor designado pela igreja, o qual cuidará do bom andamento do trabalho e a realização do projeto Arte para Vida, da designação dos campos e mudanças dos mesmos, escolha dos capelães auxiliares, supervisão, acompanhamento e orientação do trabalho dos capelães auxiliares, planejamento da programação dos serviços de Capelania a serem executados em cada escola.